

bibRIA

In memoriam

antologia

PADRE ACÚRCIO CORREIA DA SILVA



IN MEMORIAM-ANTOLOGIA

bibRIA

bibRIA

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica de Coimbra
Bairro de S. José, 2 — COIMBRA

MUSEU PAROQUIAL				
S. PEDRO - PALHAÇA				
		13	0	
0	8	0	0	51

PADRE ACÚRCIO CORREIA DA SILVA

IN MEMORIAM-ANTOLOGIA

ORGANIZAÇÃO DA COMISSÃO
DE HOMENAGEM AO PADRE
ACÚRCIO CORREIA DA SILVA

bibRIA



ANO DE 1959

bibRIA

IN MEMORIAM
bibRIA

Biblioteca
Ficheiros

Obras	<input checked="" type="checkbox"/>
Autores	<input type="checkbox"/>
Titulos de Artigos	<input checked="" type="checkbox"/>
Temas	<input type="checkbox"/>
Bairradina	<input checked="" type="checkbox"/>
Região de Aveiro	<input type="checkbox"/>
Descobrimientos	<input type="checkbox"/>
-----	<input type="checkbox"/>

IN MEMORIAM

bibRIA

Notas biográficas

O Padre Acúrcio Correia da Silva nasceu no dia 22 de Outubro de 1889, no Cercal, da freguesia de Oliveira do Bairro. Era filho de Abílio António da Silva e de Conceição Ferreira de Jesus, modestos lavradores daquele lugar. Foi baptizado, em 30 do mesmo mês, pelo pároco José Rodrigues Ferreira Lopes, na igreja da freguesia de S. Miguel, de Oliveira do Bairro.

Fez o seu exame de instrução primária no Liceu de Aveiro, com distinção. Em 1904, com 15 anos de idade, entrou para o Seminário de Coimbra e foi ordenado de presbítero em 1912, pelo Ex.^{mo} Reverendíssimo Bispo Conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, e cantou a sua missa nova no dia 24 de Novembro do mesmo ano.

Passado pouco tempo, foi nomeado pároco da freguesia de Sangalhos, concelho de Anadia, onde, desde logo e sempre conquistou a simpatia de todos os seus paroquianos que choraram, saudosos, a sua morte prematura.

Foi um orador flamejante de paixão regionalista que, com o cérebro e o coração, de braço dado, empolgava as gentes da Bairrada.

Dedicado às letras, que eram a sua tendência natural, e ao estudo, que era a sua preocupação constante, procurava, nas suas cogitações filosóficas, resolver os problemas da Razão metafísica e da Razão teológica. Era vasta e variada a sua cultura. No seu espólio literário, além de vários escritos, encontram-se seis livros de pensamentos

diários, humanísticos, filosóficos e artísticos, que podem fornecer elementos para um estudo psicológico da sua personalidade.

Além das obras, publicadas e inéditas, que adiante se mencionam (Vid. ANTOLOGIA), deixou muitos escritos dispersos por revistas e jornais da época, tais como Ideal, Ecos do Vouga, Brado, Povo de Águeda, Soberania do Povo, Povo da Murtosa, Povo de Anadia, Gente Nova, etc., onde se encontram versos e prosa de sabor regionalista.

Enternecia-se com os sofrimentos e agruras alheios e, em 1923, fundou a Beneficência Montepio de Sangalhos, para os pobres da freguesia, de que foi o primeiro subscritor. Em 17 de Abril desse ano, depositou na Caixa Económica, em Oliveira do Bairro, a quantia de 483\$25 (quatrocentos e oitenta e três escudos e vinte e cinco centavos), produto do seu foliar da Páscoa e da esmola dos sermões desse ano.

Também com fim beneficente, promoveu uma festa escolar no Cercal e outra em Sangalhos.

Não tinha dinheiro; mas, sempre que atravessava o Adro para a sua residência e algum pobre lhe estendia a mão, dava sempre os últimos centavos que lhe restavam na bolsa magra.

Assim viveu e morreu o Padre Acúrcio Correia da Silva, aos 35 anos de idade, no dia 25 de Março de 1925.

O seu funeral realizou-se no dia 26, de Sangalhos para o cemitério de Oliveira do Bairro, e constituiu a maior manifestação de pesar que jamais se viu em terras da Bairrada!

Colaboram neste In Memoriam:

HOMEM CRISTO	<i>Aveiro</i>
D. ANTÓNIO ANTUNES	<i>Bispo Auxiliar de Coimbra</i>
Professor Doutor RODRIGUES LAPA ...	<i>Lisboa</i>
Escritor ANTÓNIO DE CÉRTIMA	<i>Lisboa</i>
HORACIO DE SEABRA	<i>Fogueira</i>
Inspector Escolar MAIA ROMÃO	<i>Oliveira do Bairro</i>
DR. MANUEL FILIPE	<i>Oliveira do Bairro</i>
FRANCISCO CRUZ	<i>Cercal</i>
Professor RODRIGUES LEÓNIDAS	<i>Coimbra</i>
ALBANO CRUZ	<i>Aguada de Baixo</i>
DR. ANTÓNIO VICENTE	<i>Bustos</i>
TIAGO RIBEIRO	<i>Aveiro</i>
ARMÉNIO ROÇA	<i>Oliveira do Bairro</i>
Professor AMÉRICO URBANO	<i>Recardães</i>
LEONILDO ROSA	<i>Troviscal</i>
Professor JOSÉ PEREIRA TELES	<i>Ílhavo</i>
ANTÓNIO MARIA S. DIAS	<i>Vila Verde</i>
ARNALDO TAVARES	<i>Oliveira do Bairro</i>
DR. MIGUEL FRANÇA MARTINS	<i>Oliveira do Bairro</i>
ADRIANO SEABRA	<i>Sangalhos</i>
ANTÓNIO BARATA	<i>Oliveira do Bairro</i>
Padre ABEL CONDESSO	<i>Anadia</i>
MANUEL FERNANDES FLORES	<i>Moita</i>
DR. FAUSTO BARATA	<i>Oliveira do Bairro</i>

Colaboram neste In Memoriam

bibRIA

A história duma homenagem

O Padre Acúrcio Correia da Silva pertence àquela categoria de homens cuja vida, votada a um apostolado ou a qualquer ramo do saber humano, nunca se realiza inteiramente, tão grandiosa é a obra a que se dedicaram. Por isso, quando prematura e traiçoeiramente a morte surge, deixando inacabada a obra, fica um vácuo — um tremendo e irreparável vazio. Parece que com a morte tudo se perdeu. Para aqueles que foram seus amigos e companheiros, que viveram de perto essa obra, esse desaparecimento constitui um grande desgosto, uma profunda mágoa. E então surge desde logo a ideia de perpetuar, ao menos, já que a perda é irreparável, a memória daquele que foi o apóstolo, o orientador, o mestre. É um acto de justiça e reconhecimento que brota espontâneo do coração dos amigos. Ao gesto de gratidão vem juntar-se a homenagem a que só a morte deu jus.

* * *

Foi o que aconteceu com o Padre Acúrcio. Logo após a sua morte, um grupo de amigos lembrou a ideia da homenagem. Essa ideia aparece numa carta do sr. Prof. Américo Urbano dirigida a Homem Cristo, datada de 30 de Março de 1925 e publicada em «O de Aveiro», de 5 de Abril do

mesmo ano, à qual o brilhante panfletário deu, desde logo, inteiro aplauso e abriu no seu jornal uma subscrição para um pequeno monumento a erigir ao «nosso talentoso e bom Padre Acúrcio, tão prematuramente roubado à Pátria e aos seus, que era nosso irmão, correndo nas suas veias o sangue de nós todos, nado e criado nesta região encantadora, que une os filhos da mesma comunidade de coração, pela mesma solidariedade de sentimentos».

Homem Cristo abriu a subscrição com 50\$00 (nesse tempo). Cremos, porém, que essa subscrição não prosseguiu.

Surge depois uma Comissão constituída por diversas individualidades de destaque da região, que se propõe levar a efeito a homenagem já lembrada. Dessa grande Comissão faziam parte os seguintes srs.:

Presidente — Dr. Garcia Pulido. Vice-Presidente — Dr. António Calheiro Pinto Mascarenhas (Filho). Tesoureiro — Padre Abel Matias Condesso. Secretários — António de Cértima e Américo Urbano. Vogais — Dr. Carlos Sampaio, Eng. Mário Pato, Dr. António Tavares da Silva Júnior, Dr. Manuel J. Rodrigues, Padre Joaquim F. Maneta, Padre Óscar de Aguiar, Padre Abel Gomes da Conceição, Rodrigues Pepino, Chico da Cruz, Augusto Alegre, Albano da Cruz, Albino Sarabando Rocha, José Ferreira Araújo, António Vicente, José Bernardino Duarte, Miguel França Martins e José Pereira Teles.

A constituição desta Comissão foi publicada em «O Ilhavense» de 12 de Abril de 1925, onde foi aberta uma subscrição com alguns donativos, mas que não continuou.

Assim, durante alguns anos, a ideia da homenagem ficou parada.

Com o aparecimetno do «Jornal da Bairrada», essa ideia ressurgiu, pois, logo no seu primeiro n.º, aquele jornal lhe faz referência. Realizou-se, na Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, uma reunião de amigos e admiradores do saudoso Padre Acúrcio e procedeu-se à constituição de diversas comissões. Da Comissão Executiva faziam parte

os srs. Albano Ferreira da Cruz, Dr. Miguel França Martins, Francisco Ferreira da Cruz e Adriano Seabra.

Passado algum tempo, houve nova reunião no Paraimo (Sangalhos), onde foram nomeadas outras comissões com o fim de angariar fundos para a homenagem, nos diversos lugares das freguesias de Sangalhos e Oliveira do Bairro.

Mas a ideia volta a ser esquecida durante mais alguns anos.

Até que surge nova Comissão formada pelos srs. Francisco Cruz, Albano Cruz, Arménio Roça e pelo autor destas linhas — a única que consegue levar ao fim essa tarefa.

O primeiro acto desta Comissão foi lançar, por intermédio do «Jornal da Bairrada», um apelo a todos os Bairradinos, onde se afirmava que a ideia da homenagem ia, finalmente, ser realizada e para a qual se pedia a ajuda de todos.

À medida que os donativos iam chegando, foi encomendado o busto ao escultor J. M. Leite, de Espinho. Feito em gesso, foi o busto logo entregue à «Fundição Bronzes d'Arte», de Vila Nova de Gaia, que o executou em bronze. A Comissão Organizadora da Homenagem avistou-se, em seguida, com os srs. Presidente e Vogais da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, com o fim de requerer a necessária autorização para a erecção do busto num dos jardins públicos daquela vila.

Estava, finalmente, e após várias tentativas, saldada a dívida de gratidão, que se vinha arrastando há vários anos, para com a memória do saudoso Padre Acúrcio!

* * *

Para complemento dessa homenagem, a Comissão Organizadora resolveu publicar um «In Memoriam — Antologia», onde, juntamente com alguns valiosos depoimentos sobre a vida e a obra do Padre Acúrcio, escritos por pessoas que mais de perto com ele conviveram, se reunissem também algumas das suas melhores produções. Para isso, foi

nomeada uma Comissão (a Comissão do Livro) que ficou assim constituída:

Dr.^a Filomena Cruz, Dr. Afonso de Moura Guedes, Dr. Aulácio de Almeida e Padre Eira Bastos.

Se o bronze do busto fica a perpetuar a memória de um dos mais ilustres filhos da Bairrada, este «In Memoriam — Antologia» perpetuará também uma das mais interessantes figuras da nossa Terra, como poeta e prosador.

* * *

Feita, em resumo, a história da homenagem ao Padre Acúrcio Correia da Silva (e pedimos desculpa de qualquer omissão ou erro involuntários que a falta de elementos informativos nos obriga, desde já, a ressalvar), só nos resta dizer mais uma simples palavra.

Não tivemos o prazer de conhecer o Padre Acúrcio. Mas, por aquilo que conhecemos da sua vida e da sua obra, essa palavra resume-se em considerar absolutamente justa a homenagem que lhe foi prestada, e dentro do mester que nos diz respeito, em apontar à juventude de hoje, como digno de ser seguido, o exemplo da vida de um homem que as vaidades do mundo nunca mancharam — humilde na sua grandeza, heróico na sua luta, paladino do Amor, da Verdade e da Justiça —, confiando sempre nessa mesma juventude que ele amou e viveu até à última fibra e que, quando quer e um ideal superior a ilumina, é capaz de vencer a própria Morte. Mais ainda: de ir para além da Morte!

MANUEL FILIPE

Uma saudade!...

Foi em Maio do ano de 1899 que iniciei, em primeira nomeação, a minha carreira oficial, como professor do ensino primário elementar na escola «Conde de Ferreira», desta pequena mas linda vila de Oliveira do Bairro, onde encontrei um aluno com a idade de catorze anos, que me sugeriu logo a ideia de o eliminar do respectivo livro de matrícula, não só por ultrapassar a idade legal da frequência, como também por não possuir qualquer aproveitamento escolar, tendo desistido deste propósito por virtude de rogos instantes do seu benquisto Pai.

Chamava-se este rapaz Acúrcio Correia da Silva.

Principiei por lhe ministrar as primeiras letras do alfabeto!

Ensinei-o a ler e a escrever e, com surpresa minha, aquele rapaz, de olhar penetrante e vivo, assimilava com tanta facilidade as lições que lhe dava que, no ano seguinte, não tinha dificuldade, nem me surgiu qualquer inconveniente, em o propor a exame de admissão ao liceu de «José Estêvão» da cidade de Aveiro, acompanhado do seu discípulo Joaquim de França Sobreiro, tendo ambos sido aprovados com distinção!

Revelaram os dois daí em diante um tal poder de estudo e de inteligência que, no Seminário de Coimbra, onde se matricularam, obtiveram, em todos os anos e em todas as disciplinas, os primeiros prémios.

Lembro-me ainda do Acúrcio, quando entrava na escola, de sobranceiras carregadas, de olhar cintilante e vivo; ao cabo de poucos meses, eu verificava que essa inteligência estava a ser desbravada com uma intensidade fulminante!

Era solícito nos seus trabalhos escolares e atencioso às lições que eu ministrava ao curso.

Mais tarde, concluí que não me havia enganado ao ter-lhe proporcionado o exame mais rápido da minha carreira de professor!

Não o acompanhei na ascensão do seu curso teológico, mas, mais tarde, privei com ele, quando já pároco da freguesia de Sangalhos, admirando sempre os seus trabalhos e as suas publicações, quer em prosa, quer em verso, onde revelava sempre uma elevada cultura e um senso moral que foi apanágio de toda a sua vida, como cidadão e como Padre.

A sua morte — numa idade em que dele muito mais se esperava — veio enlutar o meu coração que nunca mais o esquece e tocar a minha sensibilidade, onde nunca mais se apagará o orgulho que me acompanha de lhe ter ensinado as primeiras letras da cartilha escolar.

O tempo passa... mas não passa a saudade que este distinto aluno, que este querido amigo, que este inditoso cidadão, que este bondoso Padre me deixou com o seu desaparecimento.

Essa saudade viverá sempre comigo pelo tempo em fora.

MANUEL DA MAIA ROMÃO

Palavras de Homem Cristo

ESCREVE-NOS o sr. Américo Urbano:

Ex.^{mo} Senhor Homem Cristo:

Um incómodo mais para V. Ex.^o.

Deve recordar-se V. Ex.^o ainda daquele padre que assistiu ao jantar do sr. Cértima: — o padre Acúrcio Correia da Silva. V. Ex.^o deveria ter notado, também, o estofo de inteligência que ele tinha e o enorme conhecimento com que versava todos os assuntos. É que esse nosso amigo era das culturas mais sólidas que a nossa região possuía, embora aliasse ao seu saber uma modéstia ainda maior.

A desgraça levou-nos esse moço a semana finda, em que caiu vitimado por uma broncopneumonia no curto espaço de 8 dias. Morreu deixando uma lacuna, talvez insubstituível, na jovem mentalidade da nossa região, porque Sálcio Bairrada era dos que poderiam triunfar nesta terra, se o seu recolhimento o não chamasse constantemente aos seus livros e aos seus amigos, cujo engrandecimento lhe causava o maior prazer. Triunfava em toda a parte, como sempre a inteligência aliada a um carácter ímpoluto triunfa. O exemplo mais vivo desta minha afirmação personifica-o V. Ex.^o, perante quem os inimigos, mesmo os mais irredutíveis, são obrigados a curvar-se.

Encurtando: Uma comissão de amigos e admiradores desse desventurado sacerdote lembrou-se de lhe perpetuar a memória, erigindo-lhe um pequeno monumento.

Bem nos merece, portanto, essa pequena lembrança esse que, mais do que ninguém, propugnou pelo engrandecimento da nossa Bairrada.

Era nosso desejo que V. Ex.^a abrisse num cantinho do melhor semanário português a subscrição que dará fundos com que possamos levar a efeito a nossa iniciativa.

Antecipadamente agradece o

De V. Ex.^a

Mt.^o At.^o V.or e Obrigado

AMÉRICO URBANO

Muito nos penaliza a notícia que encerra esta carta, pois o Padre Acúrcio Correia da Silva era, na verdade, um homem de talento e de carácter. E homens desses são jóias de alto valor nesta sociedade apodrecida onde o que é bom e útil vai escasseando cada vez mais. Cada um que cai, principalmente sendo novo como o Padre Acúrcio, são garantias de possível regeneração nacional que desaparecem, deixando mais cerrado o véu de tristeza que cobre permanentemente a alma de todos aqueles que não são indiferentes à desgraça da terra em que nasceram. A pátria só é uma palavra vã para os idiotas que se deixam arrastar por asnáticas teorias de internacionalismo, ou para os brutos, escória humana, que não têm sentimentos.

Da melhor vontade nos associamos à pequena homenagem que se pretende render à memória do Padre Acúrcio. Insinuante, afável, comunicativo, lendo-se-lhe nos olhos a bondade da alma e a finura do espírito, o Padre Acúrcio deixou-nos a melhor impressão no banquete a que se refere o sr. Urbano. E às suas qualidades de homem e de português, juntava outra que, na verdade, não nos é indiferente.

Era da raça particular que povoa esta lindíssima região, onde, mais ou menos, somos todos do mesmo sangue. Uma pátria é uma multiplicação de famílias da mesma origem, da mesma língua, tendo a mesma história e as mesmas tradições. É um absurdo pô-la, para a minha alma e para a minha inteligência, na mesma fieira da pátria russa. Amo mais os meus filhos e os meus irmãos, naturalmente, do que os filhos e os irmãos dos outros. Amo mais a minha terra, dentro da mesma pátria, do que a terra dos outros. Amo mais a região de que essa terra faz parte do que regiões mais afastadas, onde o parentesco é menos íntimo. Meu avô paterno era de Macinhata do Vouga. Minha avó paterna era de Ílhavo. Minha avó materna era de Vilar. Meu avô materno, como toda a sua ascendência, como minha mãe e meu pai que nasceram nesta cidade, eram de Aveiro. O que sucede com outros. Nós, os desta região, temos mais próximo parentesco uns com os outros do que todos nós o temos com os do Algarve e os de Trás-os-Montes. Estamos unidos por laços de vizinhança e mais íntimos laços de família. E até pela paisagem que deleita os nossos olhos e o ar que alimenta o nosso organismo. Estendo o meu particular carinho por Aveiro a todas as terras do distrito, independente do meu amor mais largo e geral a toda a terra portuguesa. Os malucos do internacionalismo comigo não metem dente. O que não quer dizer que eu não tenha, mais do que eles, o sentimento de solidariedade e fraternidade humana. E digo mais do que eles, porque esses sentimentos, como todos os outros, só se possuem quando, educados, não saem, todavia, dos limites da lógica e da natureza. Tudo o que é desnaturado é falso. Ora é desnaturado amar no mesmo grau a Rússia, a China, a Patagónia e Portugal. Portugal primeiro. Depois os afins: Espanha, Itália e França. Os semelhantes no tipo físico, intelectual e moral, na Raça, na Língua e na História. Os que comungaram connosco na grande e gloriosa civilização latina. Depois os outros. E por ser fiel a esse naturalíssimo e lógico sentimento é que eu considere e considero aqueles latinos que tomaram e tomam o partido

da Germânia, à qual, entretanto, não tenho ódio algum, a qual, não obstante, respeito e admiro, traidores à sua história, à sua raça, ao seu sangue. Abomino-os!

Sim, sr. Américo Urbano. O malogrado Padre Acúrcio, o nosso talentoso e bom padre Acúrcio, tão prematuramente roubado à pátria e aos seus, era nosso irmão, correndo nas suas veias o sangue de nós todos, nado e criado nesta região encantadora, que une os filhos da mesma comunidade de coração, pela mesma solidariedade de sentimentos.

Lamentando profundamente a sua morte, associamo-nos com os seus amigos da Bairrada ao tributo de saudade e homenagem que lhe vão render.

Aqui fica aberta a subscrição para esse fim, concorrendo nós com 50 escudos, que mais não podemos.

HOMEM CRISTO

(De «O de Aveiro», de 5 de Abril de 1925)

bibRIA

Um ano depois da sua morte

*Do Padre Acúrcio fala-nos Sua Excelência
Reverendíssima o Senhor D. António Antunes,
Bispo Auxiliar de Coimbra.*

FIZEMOS a abalada até ao Seminário, rente das 4, na restolhada alegre do sol, na claridade luminosa desta tarde mágica de Março, e, galgada a colina onde dorme a cidade de Inês, morta de amor, e onde voeja na rajada mística do tempo o odor das rosas do Milagre, transposta a portaria, mandámos o nosso cartão de jornalista.

Na galeria alta, branca de cal, dos corredores do Seminário, que nos punha arrepios pelo silêncio, esperámos dois minutos, dois minutos apenas.

E logo, solícito, rápido, poupando o ruído dos chinelos, o porteiro leva-nos através de corredores, atira-nos arriba duma larga escada de caracol e no segundo piso, severo como tudo o que nos rodeia, aponta-nos uma porta pesada, almofadada, arrancada em eras de transanteontem aos três séculos de um carvalho.

— É tocar a campainha da esquerda... — e sumiu-se.

Parámos. A nossa imaginação de jornalista tinha-nos emprestado uma policromia de tons quentes, estranhos para introito de entrevista. Sonhámos fâmulos, figuras macegradas de ascetas deambulando em fora na sonoridade dos corredores e...

— Queira entrar... — diz-nos uma voz timbrada e máscula. A sala era pequena, sem um livro. Em duas jardineiras ao fundo, bocejavam, num tédio heráldico de rainhas, duas rosas vermelhas, da cor do sangue das feridas de Jesus da Galileia, Senhor dos Mundos.

Seis retratos a óleo, dos Beneméritos do Seminário. À esquerda da mão, como quem entra, o óleo de Bastos Pina, o grande Bispo-Conde, assinado por S. de Almeida. Ao fundo, entre a figura inteligente do Doutor Albino Coelho, ataviado na sua andaina de lente, os perfis dos Srs. Condes de Sucena.

D. António Antunes, figura máscula de homem e simpática figura de padre, recebe-nos com um rijo aperto de mão.

Assentámo-nos a convite do seu grande à-vontade profano e vá de começar a entrevista sobre o querido morto:

— O meu coração de amigo, agora que faz um ano que morreu o Padre Acúrcio, obriga-me a vir pedir-lhe, como jornalista e como admirador, duas palavras, a seu respeito... Sua Excelência Reverendíssima, um solidéu minúsculo, movendo entre os dedos nervosos a Cruz de ouro, amavelmente, sorridente, presta-se à maçada da palestra.

— O que penso da sua vida de seminarista?! Fui seu professor. Lembro-me bem. Se não chegou a ser o primeiro da aula foi porque não pôde. E não pôde porque lhe foi humanamente impossível conseguir, a par da febre de ler, da paixão nata pelos versos e das questões de sociologia, um preparo de «*urso*» para as suas lições quotidianas.

Como homem, era o seminarista exemplar, integrado nos deveres da obediência e no amor de Deus.

Fez aqui os seus primeiros versos, aquela avalanche das «Seroadas Fulvas», torrente impetuosa, catadupa que nos espantou pela arrogância e pela liberdade... Estou convencido de que, se tivesse feito uma 2.^a edição, eliminaria o preciso para arranjar um livro perfeito...

— Mas, interrogámos nós, o Padre Acúrcio como poeta fugia...

— Bem sei... compreendo. Como poeta alheava-se às vezes da vida para o abraço profano das musas, para cantar velhos idílios da Natureza...

— Um pouco de panteísmo, afoitámos nós...

— Nada. Absolutamente nada disso. O panteísmo faliu, do princípio errado de confundir Deus com a Natureza. Ora isso é falso, porque Deus é Espírito e a Natureza é matéria, a Natureza é composta e Deus é Simples, Deus é Eterno e a matéria acaba. Assim, o panteísmo caiu religiosamente e cientificamente.

— Mas os materialistas?...

— Os materialistas explicam tudo o que pode explicar-se e vão até à barreira da criação do Mundo e, ali chegados, afirmam que nada se pode explicar que vá além da ciência...

— De maneira...

— De maneira que chegam implicitamente a um dogma, tendo-o negado anteriormente. Mas um dogma errado. Verdadeiro é o nosso, o dogma cristão, porque vem de Deus.

— E que pensa Vossa Excelência Reverendíssima da vida do eclesiástico, paroquiando a minha freguesia?

— Tenho as melhores impressões. Aqui há cinco anos, quando lá estive (e confesso que levava um certo receio da sua terra), tive uma das mais íntimas alegrias. O povo, que me dispensou todo o carinho da sua Fé em Deus, mostrou-me sem sofisma a sua religiosidade e o seu amor ao Prior...

— O povo de minha Terra é bom, afirmei eu...

— Sem dúvida, e digo-o sem querer ser-lhe agradável.

— E que explicação crê possível para... essa reviravolta?!

— Pela grande inteligência do nosso saudoso Morto, pela sua Fé inquebrantável na Divindade, pela compreensão nítida da sua missão na terra!

— Mas... insisti eu, nem só a inteligência, nem só a Fé, (humanamente falando, claro) conseguem uma vitória dessas...

— O Padre Acúrcio seguia à risca as doutrinas da Igreja e, se as ovelhas se desgarravam, ia ele até elas, como havia mandado o Santo Padre Leão XIII: *Allez au peuple — Ide ao Povo!*

Foi o que fez. Mais nada. E só isso representará a Vitória eterna da Igreja.

— Às vezes — insinuei — acusavam-no de libertário, de comunista, nos seus escritos de panfletário...

— Mas está bem. O comunismo é cristão e divino. Comunistas são os da Cartuxa e os Trapistas, aqueles trazidos ao seio intelectual dos portugueses pelo revolucionário Manuel Ribeiro. Ambos semelhantes, mesmo nos seus hábitos brancos, a sua comunidade é aparentemente antagónica. Para estes o silêncio é comum. Passeiam, vivem, oram, trabalham, comem juntos, mas não comunicam senão por gestos. Para os da Cartuxa, o silêncio é só espiritual, quando entregues às suas orações. Fora disso conversam e trocam impressões, se bem que — e cá está o aparente antagonismo da ideia comunista — com o espírito continuamente em Deus, poucas vezes o fazem. E os Trapistas, uma das mais belas células do comunismo cristão, são tanto ou tão pouco comunistas que os próprios hábitos, calçado, livros, alfaias agrícolas, celas, etc., pertencem ao primeiro que deles se utilizar...

— Portanto — interrogámos nós, sentindo que roubámos um tempo antecipadamente distribuído — o Padre Acúrcio Correia da Silva, o meu melhor amigo, era um sacerdote que honrava a Religião?

— Mas sem dúvida nenhuma. Rezei por ele, como pode rezar um amigo e um cristão. Era querido, muito querido pelo Bispado, tanto que...

— Tanto que...

— Que o Senhor Bispo (*reverência*) queria fazê-lo...

O meu lápis pousou rápido no caderno de apontamentos. O Senhor D. António Antunes, a mão estendida para

nós, onde branquejava sobre um anel de oiro martelado um lindo perfil da Virgem em camafeu branco, reparando no gesto, atalha sorrindo:

— Não, não diga, não escreva isso. É um informe particular, e ele, o nosso Acúrcio, já não existe... O caso é que queriam fazer dele mais alguma coisa que simples Prior...

Morria a tarde e saímos com uma grande alegria no coração. O nosso Amigo era apreciado e tido em alta conta.

Março de 1926.

HORÁCIO DE SEABRA

bibRIA

bibRIA

O Padre Acúrcio

VEIO-ME hoje, lá da província remota, a notícia inopinada da sua morte.

Há tempo que não nos víamos, separados como andávamos pelas nossas ocupações: eu ensinando aos pequeninos as belezas da vida, ele ganhando-lhes as almas para a bem-aventurança do Céu. Julgava-o nesta doce, piedosa faina, em que o seu espírito se comprazia, quando me chegou a flagelante nova. Como assim se morre, Santo Deus! É certo que os eleitos são os primeiros.

Dentre todas as figuras de sacerdote que a retina dos meus vinte anos fixara pelos lugares da Bairrada, nenhum, como ele, que tanto avultasse pelo desenxovalho da figura e da inteligência, pela união feliz da fealdade e da simpatia irresistível. Exemplaríssimo no desempenho da sua elevada missão, consumia os ardores da mocidade no estudo, dedicado de alma e coração aos seus paroquianos, para os quais mandou imprimir no Natal de 1915 uma Carta de Boas-Festas, em que faz uma apologia convicta da família e do casamento religioso. A mor parte dos nossos sacerdotes, uma vez saídos do Seminário, dão-se à boa paz do seu ofício, marasmam na contemplação idílica da lavoura, esquecem pouco a pouco as coisas espirituais. Ele não: tinha a fé apaixonada do apóstolo, mas ia robustecendo sempre e sempre a sua cultura.

Como homem de letras, o Padre Acúrcio era talvez a individualidade mais prometedora de toda a Bairrada.

No seu livro *Seroadas Fulvas*, produção dos vinte e cinco anos, há versos indicadores de um autêntico poeta, que senhoreia já perfeitamente a forma.- É o livro mais bairradino da Bairrada, não pelo que contém de terrantês — não surdiu ainda o Bulhão Pato ou o Monsarás da nossa região —, mas pelo que nos promete no final:

«É o meu sonho seria pôr num poema estranho de ineditismo de estilo, toda a graça desta vida de trabalho, religiosidade e paz, em páginas de urdidura leve, para dizer todo o lirismo das vindimas, dos noivados e mais das procições, e sobre que pairasse, bafejando-as de misticismo, o espírito regionalista da nossa Terra tão linda...»

Não chegou a realizar o seu sonho em poema de fôlego, mas fê-lo de certa maneira em prosa, espalhada por revistas e jornais, sobretudo pelo *Povo de Anadia*, nas crônicas regionalistas de *O Meu Cantinho*. Era para mim, muito acima das contendas políticas da enérgica gazeta provinciana, a leitura mais grata, mais evocadora.

Havia nessas aguarelas tonalidades que os meus olhos conheciam e gostavam de rever, tinha a impressão dum forte e sadio aroma do campo, que vinha lá de longe embriagar a minha solidão. A linguagem nervosa, inçada de neologismos, onde, de quando em quando, picava o vocábulo regional, bairradino, mais deliciava ainda. Deviam reunir-se, seleccionando-os, esses impressionismos do malogrado escritor. Acaso deixou manuscritos, estudos e poesias. Mãos piedosas deviam de respigar, em tudo quanto deixou, uma colectânea formosa, onde profundamente houvesse o espírito da Bairrada, à qual se pusesse o título que tão querido lhe fora em vida: — *O Meu Cantinho*.

Lisboa, 2 de Abril de 1925.

MANUEL RODRIGUES LAPA

(De «Correio da Bairrada», de 11/4/925)

Telegrama

do escritor António de Cértima

Enviado a Francisco Cruz,
no dia do funeral do Padre Acúrcio:

*De Lisboa, — Rossio, — para Oliveira do Bairro,
em 26 de Março de 1925*

Impossível partir a esta hora. Rogo diga estas palavras junto da sepultura :

AQUELE IRMÃO ESTREMECIDO A QUEM
TU ENSINASTE A VENCER VEM PÔR CORAÇÃO
DEBAIXO TUA CABEÇA PARA QUE OUÇAS
AINDA SEU DESESPERO, SUA DOR.

ENORME É O BROTAR DE SUAS LÁGRIMAS
SOBRE TERRA INJUSTA ONDE VAIS DORMIR.

ANTÓNIO DE CÉRTIMA.

bibRIA

Revoada de saudades

Ao pegar na pena para traçar algumas linhas evocativas destinadas a um *In Memoriam* de consagração ao Padre Acúrcio — a publicar nesta mesma ocasião em que num jardim público da sua terra lhe é erguido um busto em bronze, — sinto em mim a visão astral de um enorme clarão que, de súbito, rasgasse o espaço obscurecido, e, por graça de Deus, iluminasse de encanto e de virtude toda a região da Bairrada!

E dessa luz, acolhedora e justiceira, se tomassem todos os corações bairradinos para o bem inclinados. Desse clarão a descobrir a estrada de um dever cumprido e a dar reflexos de peregrina beleza nas almas bem formadas, se iluminassem também as rosas dos jardins, as flores agrestes das devesas mai-los goivos das campinas!

E neste momento de íntima consolação para mim, por ver tornado em realidade um sonho há já décadas concebido, martela-me o cérebro ardente este recorte literário, pedacito de consciência e bela prosa, da autoria de Júlio Brandão, escrito a propósito de um monumento erguido no Porto a Júlio Dinis:

..... «É uma hora bendita a da glorificação das grandes almas. Em meio do egoísmo que tudo vem esfriando e devastando, tais glorificações são como os geysers da Islândia: Brotam como eles do calor latente e fecundo da Vida... Numa terra como a nossa, tão linda

que o céu e o mar se disputam qual será mais amoroso e mais belo a embalá-la e a cobri-la; numa pátria de heróismos em que a voz de oiro dos poetas jamais deixou de cantar de amor e de saudade, mal nos ia se deixássemos secar esta corrente de simpatia humana, evocando e celebrando algumas vezes, — tão poucas! — os que nos ensinaram a ser homens, amando, e nos deram luar e flores às pedras dos caminhos...»

O Padre Acúrcio ensinou-nos a ser homens, amando. Deu luar e deu flores às pedras dos caminhos.

Ensinou-nos a amar a Vida na vida de tudo o que nos cerca: Nos seres humanos ou nas plantas que vegetam, nos roseirais em flor ou no bucolismo caminheiro das águas correntes, na fragilidade alada das aves ou na mansidão pachorrenta dos animais domésticos.

Deu luar e deu flores às pedras dos caminhos:

O luar e o sol da sua inteligência fulgurante e do seu estro de poeta com que iluminou às juventudes inquietas do seu tempo uma senda de Arte, de Humanismo e de Beleza!

Deu-nos as flores bizarras, perfumadas e acolhedoras, da sua arte vertida em lindos versos em que cantou, num estilo emocionante e raro, os caminhos da nossa vida e os atalhos da nossa aldeia!

E se, como já disse um grande escritor do nosso século, «o poder da arte é dar vida eterna à vida efémera das coisas», este poeta eternizou, na leveza das suas redondilhas, na profundidade de outras composições poéticas e na fulgurância da sua prosa aliciante e castiça, muito daquilo que a natureza ofertou aos homens para deleite do seu espírito e maravilha dos seus olhos.

Quanto lhe devemos nós, aqueles que fomos seus discípulos na Pléiade Bairradina? Quanto lhe deve a face espiritual da nossa região naquilo que de mais elevado e nobilitante a caracteriza e torna conhecida? Quantos de nós haveríamos trilhado caminhos menos dignificantes se não fora o seu conselho amigo, a sua doutrina verdadeira,

o nosso contacto com o seu entusiasmo caloroso e comunicativo?

Falecido há 34 anos, parece que as nossas actividades culturais emanam ainda do rescaldo crepitante da fogueira artística que em vida o envolveu.

* * *

O Padre Acúrcio era um familiar da casa de meus Pais, no Cercal. Por isso me recordo muito vê-lo sentado à nossa mesa, e quantas vezes, compartilhar das nossas refeições. Era um rosto feio, nimbado de rara sedução. Na expressão sorridente que sempre mantinha, transpareciam fielmente as virtudes de uma alma de puro cristal. Muito afável e conversador. Era um erudito que gostosamente descia ao convívio fraterno das mentalidades mais humildes.

Irmanava-se com todos, na intenção carinhosa e desejo veemente de bem encaminhar.

Lia sempre. Em casa, pelos caminhos, pelos campos, de dia, de noite, lia sempre.

Emprestou-me muitos livros. Interessava-se imenso pela cultura dos outros. Contribuiu muitíssimo para a minha formação moral e intelectual, criando no meu espírito, então juvenil, amor pelas letras e pelas coisas belas.

Pena foi que a rudeza do discípulo não houvesse honrado a erudição do mestre. Outros mais hábeis o fizeram, ocupando hoje lugar de destaque na galeria dos nossos escritores.

Esta homenagem que estamos a prestar-lhe é, pois, bem merecida. Testemunha-o aquela força misteriosa ou poder oculto que, galvanizando o pensamento de alguns jovens que não conheceram o Padre Acúrcio, os levou a tomar parte activa e calorosa neste empreendimento.

Jovens de mentalidade esclarecida e com os seus diplomas universitários. Outros, novos também, a contri-

buirem com quantias relativamente avultadas, para o mesmo fim.

Pois bem, amigos:

A obra está realizada e é de todos nós. Mesmo daqueles que, tomados de desânimo, se quedaram nas curvas do caminho longo.

Os que prosseguiram chegaram vitoriosamente ao fim da jornada. Está erguido o busto ao Padre Acúrcio.

A obra é de todos nós.

E olhai:

Na dureza daquele bronze frio e tosco fica representado um carácter de oiro fino!

Em volta daquele monumento, em torno daquele bronze, há-de revoar eternamente o cortejo alado das minhas saudades!

FRANCISCO CRUZ

bibRIA

Recordando...

PEDEM-ME para escrever um pensamento sobre o Padre Acúrcio, no momento em que se vai prestar justíssima homenagem à sua memória. Acorro à chamada da melhor boa vontade. Devo muito à sua memória, pois fui um dos rapazes desse tempo, já tão distante, por quem ele carinhosamente se interessou, esclarecendo e guiando o meu espírito ansioso de saber.

Ele tinha por mim o carinho e a ternura de um irmão mais velho. Recordo-me bem quando ele vinha do Cercal, por manhãs frias, e passava em casa dos meus Pais, em S. João da Azenha, e chamava o meu irmão António para ambos irem a Avelãs de Caminho à lição de Francês, ministrada pelo nosso parente Padre António Seabra da Motã, austero e digníssimo sacerdote.

Depois seguiram-se os estudos em Coimbra, mas em férias sempre nos visitava e a nossa amizade foi sempre crescendo.

Em 1910 é implantada a República, mas o Padre Acúrcio Correia da Silva é dos que não desertam e completa o seu curso.

Pouco depois de ordenado sacerdote, é-lhe entregue a minha freguesia de Sangalhos, para pastorear.

Chegou aqui numa época de desorientação e receios, causada pela mudança de instituições. Esteve bem à altura do momento, empreendendo uma grande obra de educação e restauração religiosa. Não criou inimigos, e todos, mesmo aqueles que não acatavam a religião, o estimavam.

Toda a mocidade desse tempo se aproximou dele, o respeitava, o admirava e dele recebeu ensinamentos.

Funda-se o Integralismo Lusitano, movimento intelectual de reacção nacionalista, e é o Padre Acúrcio que me empresta livros e revistas desse movimento.

O meu destino leva-me para Angola, e foi lá, em África, que me surpreendeu a notícia brutal do seu falecimento.

Senti que a Pátria ficava mais pobre de valores.

ADRIANO SEABRA

bibRIA

Já lá vão trinta e quatro anos!...

HÁ distância de 34 anos é fácil escrever com serenidade sobre o Padre Acúrcio. Escrever para um *In Memoriam* é preciso uma certa concentração que se não tem logo após a sua morte inesperada, que chocou todos os espíritos cultos que com ele conviveram.

O Acúrcio foi uma lufada de elevação espiritual que agitou o pensamento artístico e literário da Bairrada. Entusiasmo regionalista, fulguração de inteligência, arroubos literários!... Falar sobre a sua alma, sobre o seu espírito, do seu convívio, da sua simpatia irradiante, da sua fascinação espiritual... — um homem tão feio fisicamente, mas tão atractivo na sua conversa, que o rodeavam velhos, novos e crianças. Irradiava do seu espírito uma luz brilhante que cativava e aliciava as pessoas que com ele conviviam mais de perto. Era um poeta, um pensador! Vivi o seu convívio desde criança, a ponto de me considerarem da família e nunca o deixei sem ter enriquecido o meu espírito em contacto com o seu. Quer nas aulas, quer nos recreios do Seminário de Coimbra, ou no Cercal, a nossa convivência era constante. No inverno, contando histórias à lareira; no verão e no outono, convidando-me, depois da ceia, para irmos passear, à *Senhora da asneira* — como costumava dizer —, umas vezes em direcção a Sangalhos, outras em direcção a Aguada de Baixo. Nestes passeios, à luz do luar, que era todo o seu encanto, discutiam-se assuntos filosóficos, humanísticos e psicológicos. Tinha o poder especial de agitar ideias. Daqui nasceu a *Pléiade*

Bairradina, que tinha por fim elevar, pelo regionalismo, o nível moral e artístico da Bairrada, congregando, numa acção comum, todos os jovens com tendências literárias, inculcando-lhes uma consciência artística. Foi o Acúrcio o seu mentor. Para melhor eficiência, foi publicado o semanário *Gente Nova*, órgão da Pléiade, onde foram publicados artigos de muito valor.

Tinha sempre um sorriso acolhedor e generoso de uma alma aberta e franca. O seu espírito de cristão, de filósofo e de poeta pairava sempre a grande altura e mergulhava no campo abissal do sonho. Amou os humildes, de quem se aproximava com carinho paternal, e auxiliava-os nas suas desditas. No seu coração não existia o ódio nem a inveja; só cabia o perdão e a ternura. Nunca foi ambicioso; mas, desprendido das coisas terrenas, trajava sabe Deus como, porque nada pedia. Só cuidava do seu espírito, que brilhava embevecido num mundo abstracto, de sonho poético. Sempre assim foi. No Seminário de Coimbra o seu quarto estava sempre em desalinho.

Um dia, na aula de Dogmática (era professor o cónego Dr. Ramalho), o curso entrou para a sala e o Mestre, depois de ocupar a sua cátedra, começou a sua prelecção sobre um ponto transcendente e abstracto, a que era preciso prestar toda a atenção. O Acúrcio não deu por isso, todo entregue à leitura dum livro que, occultamente, tinha levado. Deu a hora e o Mestre mandou sair. Com o ruído da saída é que despertou, mas sem tempo para ocultar nos bolsos da batina os *Oaristos*, de Eugénio de Castro, que, desastrosamente, caíram no soalho... O Dr. Ramalho apanhou-os, perante a atrapalhação do Acúrcio, não lhos deu, mas deu-lhe uma leve repreensão, porque, no Seminário, era proibido ler livros estranhos às aulas.

Foi ordenado. Cantou a sua missa nova na igreja de Oliveira do Bairro. Em luzido cortejo foi para o Cercal (o Cercal Verde, como ele lhe chamava), com os seus amigos, a quem ofereceu um lauto banquete.

Isto não o deslumbrava. Os seus olhos pretos, cismadores, denunciavam o mistério da sua imaginação ardente.

Pouco tempo estive em casa. Foi nomeado pároco de Sangalhos. Registou, no seu *Diário*, a primeira noite que lá passou. Não era esta a sua aspiração. Desejava estudar, ir para a Universidade de Coimbra, formar-se. Estava ali para respeitar as ordens do seu Prelado. Arrendou casa em Sangalhos e lá se instalou com a sua irmã Angelina. Mal sabia que a freguesia não rendia, naquele tempo, para a sua sustentação!... Nada pedia. O que amealhava, dos poucos emolumentos, não chegava para pagar as facturas dos livros que comprava. Mandou a irmã para casa dos pais e passou a ir almoçar ao Cercal, sempre a pé, um livro debaixo do braço, uma vergasta na mão a dar a dar, trau-teando ou assobiando, em surdina, uma canção do seu agrado.

Um dia, passou-me à porta, perto do meio-dia. (Devo dizer que residi em Sangalhos cerca de 12 anos).

— Aonde vais? — perguntei-lhe.

— Vou ao Cercal apanhar o caldo.

— Não vás. Almoça comigo.

— Vou, porque tenho de ir lá buscar um livro.

Demorou-se pouco tempo.

— Então, almoçaste?

(Trazia debaixo do braço as *Farpas*, de Ramalho Ortigão).

— Não! Até me esqueceu. Apanhei o livro e vim.

— Então, anda cá.

Almoçou e conversámos durante a tarde.

Era assim o Padre Acúrcio, o pároco de Sangalhos. Fora disto, comia uns bocados de queijo ou bacalhau cru com pão, porque para mais não davam os seus réditos.

Não era avaro do seu saber. Comunicava-o, criava discípulos, criava adeptos que recebiam incitamentos no mundo das letras, a quem transmitia o produto das suas lucubrações constantes, porque era dotado duma poderosa faculdade de assimilação. Às vezes, dormia em cima de uma esteira, no soalho, para, à primeira estridência do velho despertador, se levantar às 4 horas, quer de verão quer de inverno, para escrever, ler, meditar e rezar!

Em 1925 meteu-se em pregações quaresmais. A sua palavra ardente arrebatava, unvida de fé apostólica, procurando convencer pela graça e pelo amor. O seu transporte era a bicicleta. Constipou-se e, confiando na sua resistência física, continuou. Disse-lhe:

— Tem cuidado com essa tosse!

— Não faz mal. — E continuava o seu trajecto.

Surgiu o estado febril. Chamou o médico que diagnosticou uma pneumonia dupla. Fizeram-lhe um tumor de fixação, mas não reagiu. Travou-se uma luta feroz entre a vida e a morte e, nas suas cerebrações febris do estado agónico, só falava no seu Cercal Verde, na festa das crianças em Sangalhos e no Montepio para os pobres, obras sociais que não chegou a realizar completamente.

A morte cortou o fio luminoso das suas legítimas ambições e os amigos, ainda hoje, choram a sua personalidade insubstituível: temperamento de artista, sensibilidade emotiva, romântico, profundamente bom, contemplativo e admirativo das manifestações da Natureza, que os seus olhos míopes observavam pelas várzeas bairradinas.

Acúrcio! Deponho na tua urna o meu ramo de flores da saudade, orvalhadas pelas minhas lágrimas!

Requiescat in pace!

ALBANO CRUZ

A minha homenagem

O Padre Acúrcio, agora recordado em homenagem prestada pelos seus Amigos, conterrâneos e gentes da região dos vinhos capitosos, merece, também, a nossa sincera e justa homenagem.

Evocar o nome do poeta e mimoso escritor humanista bairradino — *Sálcio Bairrada* — seu pseudónimo, é recordar, é viver o passado de uma simpática pléiade de novos poetas e escritores, tendo muitos deles ensaiado os primeiros voos na «Alma Popular», jornal republicano e democrata, literário, noticioso e defensor dos interesses do concelho de Oliveira do Bairro e da região bairradina.

O Padre Acúrcio cantou muitas vezes em verso e prosa a tão encantadora região bairradina, desde o Buçaco ao Vouga..., como se fosse uma onda de paz e amor, salientando as flores simples dos campos e da beira-rio Cértima, espelho aquático onde se mira todos os dias o seu Cercal Verde, onde nascem e erguem como hóstia as madrugadas primaveris, como se fossem sorrisos de crianças que tanto amou e acarinhou.

Ainda não estava formado pelo Mundo o partido Democrata-Cristão e eu já chamava ao Padre Acúrcio democrata-cristão, porque este Apóstolo do bem sempre defendeu o seu semelhante com ternura, encarando-o pelo aspecto social como homem digno de respeito. Pregou a Fraternidade, demonstrando a sua sã Cristandade e cultura — princípios de tolerância e Bem-fazer.

Assim como o Padre Acúrcio, que em vida abriu o peito descoberto a bem da clemência e da humanidade, nós, também, quando da sua morte, ocorrida em 25 de Março de 1925, apenas com 35 anos de idade, igualmente abrimos o nosso coração, que é o pêndulo da Vida, franqueámos as colunas da «Alma Popular» aos seus amigos admiradores para escreverem livremente sobre a memória do Mestre bairradino, que orquestrou em naipes de versos e prosa a melhor sinfonia da região dos pâmpanos, que é eterna canção de paz e Amor, preferida pelo povo trabalhador.

Aí fica, em algumas dúzias de palavras simples, a minha sincera homenagem ao talentoso poeta, escritor e humanista bairradino — Padre Acúrcio Correia da Silva.

TIAGO RIBEIRO

bibRIA

Evocação

*Porque passou na Bairrada
Camões, o rei dos cantores,
Talvez dela copiada
Fosse a «Ilha dos Amores».*

PADRE ACÚRCIO

TOMBASTE em pleno sonho! E então, quando partiste,
A Pléiade gentil que organizaste um dia,
Sem norte e sem ardor, porque perdeu seu guia,
Dispersou-se, desfez-se, abandonada e triste.

A Bairrada, porém, jamais esqueceria
O verbo claro e culto e o agir em que fulgiste;
Fiel ao seu cantor, vê-se como ela assiste
Do nome teu à grata evocação, que amplia!

Ninguém te substituiu, por isso te evocamos.
Bendizando o teu estro, o Bem também cantamos
E nos inspira o Mal mais dor do que sarcasmo.

Teu espírito ardente e tua própria voz
Hão-de sempre sentir-se e viver entre nós,
Oh grande aliciador! Oh mago do entusiasmo!

ANTÓNIO BARATA

bibRIA

Há 34 anos

CORREU célere a notícia que o Padre Acúrcio estava muito mal. Fomos a Sangalhos visitá-lo. Tinha uma pneumonia franca com todos os sintomas alarmantes: o arfar dificultoso do peito, o facies cheio de suores, os olhos febris e o delírio das altas temperaturas.

Estava ali, naquele quarto revolto, tombado na cama, em nossa frente, um homem possante, 35 anos cheios de vida, numa luta titânica com a morte, como se um garrote invisível lhe apertasse o pescoço para o matar por asfixia. Cheirava no ambiente a remédios variados, mas o auxílio da medicina já findara, por ineficaz. Os familiares entreolhavam-se compungidos e resignados, sem dar palavra, lançando um olhar de piedade sobre aquele corpo moribundo. E no dia seguinte morreu o Padre Acúrcio.

Recordo-me bem do seu funeral. Foi uma apoteose de despedida como nunca se terá visto na Bairrada. Gente do povo e de tudo o que havia de mais representativo na região.

E lembro-me de um facto que chocou profundamente toda a assistência: Quando o caixão fez o último descanso, para depois subir os degraus de pedra que dão acesso ao cemitério, surgiu de entre o povo um homem de aspecto rude, cabeça queimada do sol e cabelo grisalho. E, súbitamente, ergueu a sua voz sentida e pausada. Homem da terra, tisonado pelo labor de mil trabalhos, tinha, em frente do caixão, a grandeza de uma estátua de pedra antiga, sem lágrimas nos olhos e sem embargos nas palavras. Era

o Pai do Padre Acúrcio. Homem rústico que, num milagre de transfiguração, a dor imensa fizera dele — em frente do cadáver do filho — um orador arrebatado e eloquente! Quanto pode a dor humana! Este episódio, por inédito, deixou todos estupefactos e surpreendidos, e foi muito falado.

Isto passou-se em Março de 1925, há 34 anos.

De então para cá, a figura do Padre Acúrcio não esqueceu.

Agigantou-se. O tempo despiu-a das fatuidades humanas para lhe deixar sòmente a ossatura viril intellectual.

Perdeu-se o que era mortal, para ficar o que é eterno.

Dizia S. Paulo, depois da sua conversão: «O homem só é grande na medida do bom combate». Poderemos dizer que o Padre Acúrcio, como o grande apóstolo da Igreja, combateu bem.

Havia na sua formação mental uma faceta dominante: Era a ânsia de conhecer, de saber, de ler tudo. Atesta-o a sua vasta biblioteca que devorou sôfregamente.

Por índole, o poeta lírico é um contemplativo e a inspiração é natural como um fio de água corrente...

Por vezes, até, o lirismo mais inspirado é aquele que brota duma espiritualidade menos culta, pois da emoção e na emoção não há cultura. Mas o Padre Acúrcio, à maneira de Teixeira de Pascoais, encontrava na sua formação dogmática de sacerdote as mais límpidas ideias dos seus versos inspirados. Os motivos simples e populares dos seus quadros bucólicos, vestia-os ele sempre de rimas delicadas e frágeis.

Este poeta, já no seu primeiro livro de versos *Dor e Luz*, publicado aos 21 anos, diz:

*«A vida é uma dor infinda.
Por isso, eu vos digo, a vós,
Que essa defunta tão linda
Foi mais feliz do que nós.»*

E mais adiante:

*«E vós, cachopas, que assim
Pranteais a que morreu,
Não soluçais, porque, enfim,
Ela é um anjo do Céu.»*

Nestas duas quadras do poema «A noiva morta» está reflectida toda a alma romântica e desalentada dos primeiros voos do estro poético que havia de marcar o seu destino.

Depois, de aí por diante, os anos e as leituras foram alicerçando e robustecendo o seu espírito, e o Poeta, em plena maturidade, apareceu-nos com um novo livro de versos: *Seroadas Fulvas*. Aqui as ideias são mais claras e as formas são mais perfeitas. Mas embora se sinta a fuga para o pensamento filosófico, a sua arte não consegue libertar-se da primitiva inspiração simples, corrente, fugidia... Sempre o lírico acima do erudito, sempre o homem simples acima do homem cultivado, quando escreve:

*«Do Buçaco até ao Vouga,
Desde o Caramulo ao mar,
Um paraíso se afoga
Em sol, verdura e luar!»*

Ninguém diria melhor. Era a terra dos pâmpanos que o viu nascer e lhe ouviu os primeiros gemidos. Era a sua querida Bairrada.

Com razão esta região tem o seu mais insigne cantor no poeta *Sálcio Bairrada*.

O Padre Acúrcio era um homem fogoso, iluminado e iludido. E dessas ilusões contaminava a mocidade que o rodeava e escutava. Lembro-me que nesse tempo tínhamos nós um jornal académico no Liceu de Aveiro. Jornal de rapazes, vivia cheio de dificuldades. Conversámos com o Padre Acúrcio. Falou-nos com tal entusiasmo, com tal

convicção e fé, que o jornalzinho não morreu. Ele dava vida a quem o ouvia. Era, atrás daqueles olhos míopes, um cérebro em fogo. Das suas palavras ficava-nos sempre um ensinamento, porque era o homem do bom combate e um homem lúcido.

Era uma consciência em marcha, como diria Bergson. Tivesse vivido até hoje e teríamos um pensador, um filósofo ou um teólogo, de que muito teria a lucrar a sociedade e a Igreja.

Disse Jesus, no Evangelho de S. Mateus, falando aos discípulos: — «Em verdade vos digo, a seara é grande e os obreiros são poucos.» — Este foi um bom obreiro. E pena foi que a morte o tivesse levado tão cedo. Mas do Padre Acúrcio ficou-nos uma grande saudade, ficou-nos uma grande admiração, convicta e desinteressada, como aquelas que só os atributos mais puros da alma humana, generosa e justa, deixam de memória no coração dos vivos, porque nascem da própria consciência e não precisam, para existir, senão da satisfação do dever cumprido.

bíblia

ANTÓNIO VICENTE

A essência flutua

SIM. Tal como o perfume das flores, também o dos espíritos superiores flutua e perdura para além da morte, posto que esta só tem poder sobre a matéria — coisa bem mesquinha e transitória.

É o caso do saudoso Padre Acúrcio Correia da Silva.

Trinta e quatro anos rolaram já sobre o seu túmulo e ainda a Bairrada — esta Bairrada que ele tanto amou! — se encontra impregnada dos primores do seu espírito fulgurante e do seu coração pleno de amor e de bondade.

Ja jurar que o Cértima, ao deslizar mesmo à beirinha do seu berço natal, deixa escapar suaves queixumes de saudade pelo Poeta que tão bem o sabia compreender e cantar. É que os dois se confundiam perfeitamente na volúpia e quietude das tardes mornas do verão ou na clareza das noites luarentas...

Padre Acúrcio, sendo exemplar como sacerdote, interessa-me mais, contudo, como homem. Era nessa qualidade que conseguia dar livre curso à torrente impetuosa do Pensamento e atingir fulgurações que, por vezes, ultrapassavam os limites impostos pelas suas vestes sacerdotais — de que sabia abstrair-se na intimidade das suas cogitações.

Sabia ver a Vida com humanismo, ansiando pelo Homem digno de si próprio, impondo-se pela bondade espontânea, sem hipocrisia e pela tolerância sem servilismo. A sua alma de poeta só podia conceber a vida baseada no Amor e outra coisa não fez senão cultivar tudo quanto deleitasse

o seu espírito de sonhador — qual cavaleiro da Beleza sempre em busca da perfeição.

E fica-se sem saber o que mais admirar nele: se a sua independência de carácter, se a sua sensibilidade de poeta requintado.

Como as rosas de Malherbe, também a sua passagem por este mundo foi efémera, sem o que a projecção deste homem teria sido sem dúvida muito grande. Mesmo assim, a sua personalidade ficou bem vincada e continuará a causar admiração das gerações desta região privilegiada que o Buçaco e o Caramulo orgulhosamente dominam.

LEONILDO ROSA

bibRIA

Um artigo de Rodrigues Leónidas

Do «Correio de Coimbra», de 11 de Abril de 1925, se transcreve:

HÁ dores que só um silêncio trágico pode transmitir fielmente às almas que sofrem; há catástrofes que, deixando-nos aturdidos, nos obrigam, passadas as horas de mais profunda comoção, a falar, para nosso próprio lenitivo. É que uma alma bela é sempre um exemplo magnífico que retempera energias, que desperta dedicação, que encoraja, que alenta, que nos eleva da terra e nos aproxima do céu. Por isso, não pode deixar de ser crime calar as virtudes daqueles que partem da terra com jus à gratidão e estima de quantos ficam ainda peregrinando no mundo; por isso, nós sentimos necessidade de desabafar, falando, porque morreu o padre Acúrcio Correia da Silva, prior de Sangalhos, com ele desaparecendo, *deste vale de lágrimas*, um dos padres mais inteligentes, mais ilustrados, mais virtuosos e populares de todo o país.

Cursando, ainda muito novo, o seminário de Coimbra, aí mesmo se distinguiu, com extrema facilidade, pela sua agradável camaradagem, pela entusiástica aplicação e apro-

veitamento nos estudos e, sobretudo, pelo estuante idealismo que começava a infiltrar-se na sua grande e bela alma de moço insatisfeito e de generosas aspirações.

Aí deu à luz da publicidade o seu primeiro livro de versos «*Dor e Luz*» — livro que teve um êxito retumbante, consagrando-o, num momento, como poeta de raça, como artista perfeito e consumado.

As «*Seroadas Fulvas*», que mais tarde publicou, foram a confirmação plena do conceito que lhe granjeara a prometedora estreia.

De uma fecundidade extraordinária, deixa centenas de artigos e de poesias dispersas por muitos jornais da província e várias obras inéditas que os seus melhores e mais íntimos amigos de certo se encarregarão de tornar conhecidas.

Falando com o maior vigor e facilidade, tanto no púlpito como em todas as comemorações e festas profanas desta região, onde aparecia sempre, insinuante, erudito, eloquente, inconfundível, a ferir a nota patriótica e a evidenciar a simpática actuação da Igreja Católica, o Padre Acúrcio tornou-se apreciado e admirado das multidões e das elites, que o olhavam como homem superior e verdadeiramente culto.

Era um polemista vigoroso e de conversa sempre agradável, humorista e cintilante.

Modesto, duma modéstia inalterável e de uma boa disposição que não sofria mudanças, ele era o exemplo sugestivo da alegria, da coragem, da resignação, do trabalho e do optimismo fecundo e criador.

Enclausurado numa freguesia que, aliás, lhe absorvia as melhores energias e a maior parte do tempo, ele encontrava sempre lazeres para ler os melhores jornais e para compulsar todos os livros de mérito que se iam publicando, possuindo já, apesar da sua idade, uma das mais bem seleccionadas bibliotecas do distrito.

Conhecia perfeitamente o pensamento contemporâneo em todas as suas modalidades. Tendo assimilado as ideias

sociais e o movimento social católico de todo o mundo, ele guardava na mente grandes ideias e projectos admiráveis que, sempre com grande entusiasmo, começava a exteriorizar. Assim, fundando a Pléiade Bairradina, ele era o mentor, o guia, o mestre autorizado e querido da juventude de toda esta linda região que ele tanto amava e tão belamente cantou, nela colhendo, a cada momento, motivos novos de sadia inspiração para a sua poesia e para a sua arte.

Adorava as crianças, para quem escreveu canções, autos e pequenas comédias com tanto êxito representadas e um pequeno livro inédito, «*Sonetos Infantis*», sendo idolatrado por todos os professores primários que com ele conviviam.

Enfim, amava os pobres, os desgraçados, os desalentados da vida, com quem generosamente repartia o resto do dinheiro que lhe sobrava dos livros. E assim, conquanto trabalhasse incansavelmente, morreu pobre, numa pobreza comovente e verdadeiramente evangélica. O quarto, o desconfortável quarto em que ele dormia, escrevia, estudava e onde morreu, podia ser apresentado como resposta fulminante a todos os caluniadores do clero católico, resgatando, ao mesmo tempo e em grande parte, a insensatez de muitos padres ricos que vivem na terra como se esta lhes pertencesse ou fosse capaz de cumular todas as aspirações das suas almas.

Morreu, pois, vítima do trabalho, de grandes privações e do cumprimento do dever.

O seu funeral, em que tomou parte uma multidão enorme sem distinção de cores políticas ou religiosas (que ele a ninguém afastava da sua convivência, a todos estimava como pai espiritual que era) foi uma apologia formidável de todo o padre católico que pelo mundo passa, sem desviar os olhos da alma do céu que o fascina.

E eu, que o conhecia desde seminarista; eu, que apreciei os seus pensamentos e vi delinear muitos dos seus escritos; eu, que várias vezes fui posto ao corrente de muitos dos seus projectos e apreciei, talvez como ninguém, os primores

do seu coração e da sua alma grande, compassiva e bela; eu, mal feito ainda da comoção extraordinária que a sua morte me causou, aqui deixo estas singelas palavras de uma sinceridade grande e de uma grande amizade, como preito de gratidão para com aquele que foi, na terra, meu amigo verdadeiro, meu companheiro de lutas e meu irmão espiritual.

RODRIGUES LEÓNIDAS

bibRIA

O meu depoimento

A CEDENDO ao pedido de um amigo nascido e criado nas margens do Cértima para vir aqui, num pensamento sobre o Padre Acúrcio Correia da Silva, dizer algumas palavras referentes à sua vida, faço-o, sim, ao mesmo tempo que também aqui lhe presto a minha humilde homenagem.

O pedido é honroso, mas um pouco custoso, pois que, nesta minha idade, bastante além do meio século, mal se escreve e, sobretudo, mal se concertam ideias de bom senso e algum brilho.

No entanto, apesar de já muitos anos passados, mas sempre vivos na lembrança, recorro com saudade as ocasiões em que, com outros companheiros, nos encontrávamos com o Acúrcio nas margens do rio Cértima que banha os campos do Cercal, para nos divertirmos e respirarmos aqueles bons ares. E nunca mais esqueci o bom amigo Acúrcio. Ainda o estou a ver, quando estudante, com os bolsos a abarrotar de papéis escritos com poesias suas. Vejo-o também muito alto e com umas calças que deixavam ver os canos das botas bastante enlameadas dos caminhos do Cercal, as sobranceiras carregadas sobre uns olhos que inspiravam simpatia e que divisavam horizontes que só ele conhecia...

Uma boca grande, mas que pronunciava palavras cheias de fé, de poesia, de abnegação!

Porque eu, naquele tempo, já tão distante, pintava uns «bonecos» para publicar no jornal o «Ideal», dirigido

pelo José Diogo, tratava-me por «Bordalo» e eu, com os restantes companheiros amigos, tratávamo-lo por «Victor Hugo».

Que dizer mais do Padre Acúrcio?

Que foi um sacerdote exemplar e que, se não fosse a morte levá-lo em plena mocidade, teria semeado na sua terra e em toda a região bairradina, para que perdurasse, o valor da sua fé, o exemplo da sua lealdade.

ARNALDO TAVARES

bibRIA

Aspectos da vida académica

Tendências literárias

CONHECI o Padre Acúrcio na floração do seu grande génio e na formação do seu carácter impoluto.

Companheiros no Seminário de Coimbra, como eu gozasse de uma certa liberdade dentro daquelas inesquecíveis paredes, dado que já nesse tempo sobre mim exerciam inevitável atracção e grande entusiasmo os assuntos relativos à Imprensa e por isso fundei o semanário manuscrito «Alvorada» e me tornei agente da «Palavra», do Porto, do «Portugal», de Lisboa e do «Imparcial», de Coimbra, além de propagandista das «Folhas Soltas» e do «Petardo», do Padre Benevento de Sousa, fazendo parte da Liga da Boa Imprensa, como o actual Bispo de Lamego, Sr. D. João de Campos Neves, — era sempre no seu quarto que dávamos fundo em nossas locubrações da mocidade, conversando sobre literatura, discorrendo sobre temas da vida humana, — ele como águia de cujas asas saíam pérolas brilhantes a iluminar o mundo da Arte, eu como verme que mal rastejava no a b c da Poesia; — trocando impressões das nossas terras natais, a remansada aldeia do Cercal e o meu florido Ílhavo, o Acúrcio a cantar a região dos pâmpanos, eu a inspirar-me no marulhar das ondas e no encanto da Ria, ambos temperando na saudade os nossos corações bairristas!

Com que alegria aquela boca de justo, donde só saíam conselhos de prudência e amizade, conceitos profundos que eram toda uma filosofia de amor, entoava às vezes o hino da «Pléiade», que numas férias fundara com bons amigos, jovens como nós, hoje lançados na vida, nos mais variados sectores de actividade:

«É lindo, é belo, este viver,
«Sempre sorrindo e trabalhando,
«Cumprindo já nosso dever,
«— Deixai passar o alegre bando!

E, sem querer, lá me encontrava a entoar com ele a quadra, esquecidos do silêncio que era obrigação manter durante as horas de estudo.

«Aqueles que outrora por lá passaram, e que hoje andam por aí tresmalhados na rostilhada da vida, como marítimos nesse oceano inquieto à cata de um destino, dum porto, da sua ilha encantada, — a esses eu lembrarei, num pouco, a quietude benéfica às nossas almas, dada pelas horas que lá passamos como pioneiros de longe vindos até a um lugar de paz...» — assim escreveu o Acúrcio nas suas «*Seroadas Fulvas*».

Nos recreios, («os inocentes recreios sob as franças do arvoredado, neste tempo frio em que o sol, doente como tísico, lhe outoniza as folhas, — passeios no folhido ao fim do dia, paleios par a par, sob a esteira alvaça que a lua mandava lá dos longes, mal erguida na serra, qual sobre um cális, uma hóstia rútila»), dávamos largas aos nossos devaneios — nós os dois, simples estudantinhos sem vaidades nem pretensões, já então fazíamos projectos de progresso para as nossas terras natais que amávamos enternecidamente, como pela vida fora exuberantemente provávamos, sofrendo, lutando, vivendo em constante agitação; ele — o Padre Acúrcio, até aos 35 anos em que Deus o chamou à Sua glória e eu, grão de areia no largo campo

da sementeira de nossos ideais famosos, sofrendo ainda nesta idade, já um tanto avançada, as agruras da tormenta que se tem desencadeado inclemente há quase 50 anos e através da qual conduzo o bergantim dos meus anelos, com a fraqueza de um timoneiro sem protecção a não ser a de Deus...

O Acúrcio era um coração diamantino, uma verdadeira alma de eleição. Mas o seu físico era sombrio. Os olhos sonhadores e profundos, sepultados em cavadas órbitas, que densas e negras sobranceiras molduravam, malares salientes, cabelos espessos e maltratados, negros como azeviche, reflectiam uma alma de pensador e de sentimentalista da mais pura gema.

Ele próprio se retrata num dos seus livros:

«...rapaz trigueiro, desgrenhado, de faces escavadas e fundas, olhos irradiados...», mas que «conosco viveu a vida, a mesma juventude, as mesmas aspirações de evangelização e amor».

Aquele arcaboço forte, mal alinhavado; aquele tronco de um possante roble, era o sacrário de um coração humilde, generoso e bom, como poucos tenho conhecido na vida.

Da sua pena, em pingos de tinta indelével, saíam diamantes de luz a enriquecer a Arte de poetizar; da sua boca saíam conselhos amigos, conceitos profundos; e do seu coração brotava uma fonte de inexgotável linfa que era doce como o amor e a caridade. Pena, boca e coração que eram os capítulos dum grande tratado de filosofia onde todos aprendíamos as premissas da Vida.

Um dia — estava o Acúrcio no 1.º ano de Teologia — morreu-nos um companheiro: — Joaquim Ferreira Faustino.

E o sentimento feriu tanto aquele coração de ouro, que quis depositar, à beira do seu caixão, o seu primeiro livro de versos, dedicado à sua memória, «*Dor e Luz*». Corria o ano de 1912.

O que foi o aparecimento desse livrinho de versos não é fácil de contar. Os estudantes da tertúlia do Acúrcio leram-no e choraram lágrimas amaras.

A sua *Carta aos Condiscípulos* deixou-nos a todos em profunda meditação a rezar por alma do inditoso companheiro.

Mas era ainda dele que nos vinha o alento para enfrentar a amargura que aquela morte em todos deixou:

*«Acima, companheiros!
«Alegres como airadas borboletas,
«Visitemos os pálidos poetas
«Que andam a cismar entre os loureiros...»*

E dava-nos a palavra de ordem:

— «Abramos résteas de esperança nesta caligem da Dor! Vamos por aí fora — corações abertos, almas compadecidas — a fazer nos desesperados a sementeira do Amor...»

Em férias, encontrávamo-nos frequentemente em nossas terras, permutando visitas amistosas. E no jornal que eu então dirigia — «O Brado» — publicaram os rapazes da Pléiade Bairradina e, de um modo assíduo, o Acúrcio, os primeiros voos da sua inspiração poética e depois as suas produções já limadas. E quantos deles não foram águias no panorama da nossa Literatura!

Os versos do Padre Acúrcio soavam aos ouvidos do povo como o bimbalar de sino melodioso ecoando pelas colinas e pelos vales. E nós decorámo-los para recitar nos saraus e nas festas íntimas a que frequentemente éramos chamados.

A escola em que debutávamos nem era a de doentios nefelibatas, como a dos estudantes que recitavam Soares de Passos, nem a de revolucionários, que declamavam Guerra Junqueiro.

A escola do nosso grupo era formada de rapazes optimistas, que trabalhavam para a formação de um mundo

novo, alegre, sorridente, com vista a um futuro glorioso, cheios de esperança, de fé, ardendo na fogueira do amor de Deus e do próximo.

*«Arde-me n'alma um facho resplendente
«Que me ilumina as vias do Dever
«Como dizendo: — Avança para a frente,
«Heróico, sem temer!*

Assim nos marcava o Acúrcio o destino. Ele era o porta-bandeira do nosso batalhão de sonhadores e nós seguíamos-lo cegamente, cantando com ele:

*«O nosso bando
«É uma açucena a abrir...
«Sorrir, cantar,
«Vamos cantar, sorrir!...*

Nos saraus e em récitas, quase sempre com fins caritativos, em Águeda, em Anadia, em Oliveira do Bairro, em Ílhavo, lá estávamos todos a tomar parte, com os nossos recitativos, os nossos entre-actos, cooperando nas campanhas do bem-fazer.

Lembro-me até, — foi há 50 anos! — que uma das poesias que eu recitava com mais agrado era o «Revolucionário», da autoria do Acúrcio:

*«Eu conheci-o: — era um rapaz simpático,
«De barba despontante,
«Rosto comprido, o fundo olhar errático,
«Cabelo desgrenhado de lunático,
«Maneiras desleixadas de estudante.*

E contava, sempre em rima, a vida desse revoltado, que se converte junto da campa da namorada, por quem se apaixonara doidamente. E terminava:

*«O amor é a vida, o amor... que importa mais?
«O amor, o amor é a luz!
«Que importam tronos e louréis reais,
«Glórias, revoltas... se loucuras tais
«Só são desgostos, lágrimas a flux?!*

* * *

A Bairrada vai homenagear o grande, o inesquecível amigo e companheiro de tantos anos.

Pede o meu apagado concurso para esta homenagem tão simpática.

Aqui ficam alguns aspectos da sua vida académica. São como que um ramo de violetas que deponho, com um beijo enternecido e saudoso, nas mãos generosas de quem foi tão generoso e bondoso Poeta da linda e verdejante região dos pântanos.

Na fita, roxa como a saudade que nos deixou, gravearei, em letras feitas de lágrimas, o seguinte pensamento entrelaçado:

*«Ó suaves violetas escondidas,
«Roxeadas sob a luz
«Como gotas sangrentas escorridas
«Do peito de Jesus!*

Deste Poeta
Perfumai a memória a Deus cativa,
Mas que estará connosco sempre viva.

JOSÉ PEREIRA TELES

O seu último sermão

Pouco antes começara a Primavera daquele ano de 1925. Gorjeavam as avezitas nos arvoredos, que já se revestiam de todas as folhas. Mas o admirável cantor de todos os encantos desta linda Bairrada entregava a alma a Deus na paróquia onde era pastor de almas.

Toda a gente o conhecia e estimava na minha freguesia (Moita), como que o idolatrava, de uma maneira especial. E, nesse ano fatídico, era ele, mais uma vez, o pregador dos sermões quaresmais. — «Donde vimos? Para onde vamos?» — era a sua tese nesses sermões. Ansiosamente se esperava a solução do problema. Em boas mãos estava, pois o pregador era sábio, poeta e filósofo.

Mas, certo domingo, a velha igreja da Moita completamente cheia, não surge no púlpito, na altura própria, a figura rude mas simpática do grande pregador. Em seu lugar, lá do altar-mor, o celebrante anunciava a grave enfermidade do orador amado.

E, pouco tempo depois, nos lares cristãos da minha freguesia, junto da lareira, ao dar Graças a Deus, cada chefe de família, com as mãos postas e os olhos orvalhados de lágrimas, rezava:

— «Por alma do Padre Acúrcio, que foi prior de Sangalhos... Pai Nosso, que estais no Céu...»

MANUEL FERNANDES FLORES

bibRIA

Considerações

Nos velhos tempos do fisiocracismo de Colbert, em França, onde uma lei drástica criou barreiras aduaneiras entre os próprios concelhos do País, Madame de Stael, que vivia numa região cerealífera, conseguiu a cessação dos factos tributários e o livre trânsito dos produtos da lavoura, com aquela sua célebre frase: — *Morro de fome sob um montão de trigo!*

Era tal o poder de persuasão e valor dos seus conceitos morais, económicos e políticos que Napoleão Bonaparte chegou a dizer da ilustre Senhora que tinha mais medo de uma das suas frases do que de uma bala militar disparada contra ele a pequena distância.

Antigamente havia o culto da frase e os escritores, influenciados pelas felicíssimas frases de Shakespeare e de Júlio Dantas que encheram a memória de todos pelos conceitos exactos a que se applicavam e pelas consequências morais que traziam e espalhavam, até aos nossos bairradinos chegaram.

Nas reuniões que faziam, nos passeios que davam e nos bailes a que assistiam, andava sempre em fogueira acesa a frase elegante, o duelo intelectual, e as recitações nas soirées dançantes.

Numa noite de baile de Carnaval, onde apareci travestido de Marquês da Corte de Luís XV, coube-me a

mim recitar, num intervalo da dança, e o meu desprante, pouco vulgar na minha timidez, levou à sala silenciosa uma poesia escabrosa, se não me engano a «Sentença», de autor desconhecido.

Isto passava-se quando o Acúrcio recitava o «Anarquista», o Chico Cruz «A Noiva», o Miguel «O Passeio de Santo António» e o Luís a humorística embrulhada da «Escatadapaderia». Mas nessa noite fui mais longe que as costumadas «Penas» de Fernando Caldeira, talvez por me ver envolvido numa casaca de punhos de renda que me fizera a Micas Neves de um velho chale de merino preto que havia em casa quase a desfazer-se, e lá foi a poesia até ao fim por entre os sorrisos das damas que a compreenderam e o sulco vincado do rosto parado das mães que a reprovaram. No fim da poesia, agradecida por uma prolongada salva de palmas, aproximei-me do Acúrcio, então estudante de Teologia no Seminário de Coimbra, e com o sorriso peculiar que lhe tornava menos feio aquele rosto anguloso e cavado, diz-me, ao mesmo tempo que segurava as rendas terminais dos punhos da minha casaca:

— Com punhos de renda, até a ofensa é linda!...

O Acúrcio foi um mestre das gerações do seu tempo que com ele privavam.

Dotado de invulgares qualidades de trabalho intelectual, devorava todas as publicações que iam surgindo nos escaparates das livrarias, e dos clássicos aos românticos, dos realistas às modernas correntes literárias, lia tudo e não somente aqueles livros que lhe eram aconselhados no Seminário.

Lia tudo, fraco e bom, como ele dizia, para poder confrontar os vários estilos e as várias formas e delas poder tirar as suas conclusões e dirigir seus passos pelo melhor caminho que o seu verbo lhe indicava e marcava na estrada segura da vida que levava.

Seguro nos conselhos, grande nas lições. Foi meu professor de Latim. Ia dar-me lições à cama, quando eu

estava doente e outras vezes vinha ele, já doente, ajudar-me a traduzir a doce e suave *Eneida* de Virgílio ou o latim arrevesado de Tito Lívio. Era incansável de esforços sobre-humanos e foram estes excessos de trabalho e de longas e doutas vigílias que o levaram à sepultura, onde repousa, numa idade em que muito dele mais se esperava ainda, pela ascensão gloriosa que ia tomando a sua ânsia de mais e melhor traduzir em prosa ou verso, em lições ou conselhos salutares, a sua vasta cultura de intelectual fogoso.

Expoente máximo da sua geração, ardia em convulsões febris por elevar, cada vez mais alto, a Região em que vivia e amava. O Cercal Verde, que ele baptizou e amou, viverá eternamente em nossa memória como um doce Ninho construído de plumas de arminho que nasceram e se criaram no mais doce e diamantino coração do mais inspirado poeta do seu tempo.

A homenagem que agora lhe consagramos há muito que vivia e se conserva em nossa memória e desde sempre nos alanceava o desejo de o perpetuar para todo o sempre.

Nasceu, em mim, há vinte e cinco anos, a vontade de colocar na parede do cemitério da Vila, precisamente no sítio onde ele escrevera a lápis uma quadra sua, inspirada na dor dos que tombam e nas lágrimas dos que ficam, uma lápida em que se gravassem aqueles versos que o tempo fez desaparecer da pedra onde foram escritos, mas ficaram na minha ideia e hoje os lembro ainda:

*«Aqui, neste Cemitério,
Crescem desmaiadas flores,
Rociadas pelo pranto
De Mães, Noivas e Amores!...»*

Foi-lhe agora erguido um busto em bronze que marcará para a posteridade todas as facetas do seu valor de poeta, prosador, de clérigo e professor e ficarão como símbolo de persistência e afinco aos grandes problemas da

literatura resolvidos com mérito e doados com paciência a todos quantos dele se aproximaram, a todos quantos com ele conviviam, a todos quantos se orgulharam dele, e quedamos agora satisfeitos por termos prestado a Homenagem que ele merecera e que será para todos nós um grito de alma a temperar a nossa gratidão como preito justo e sincero de uma dívida satisfeita.

MIGUEL FRANÇA MARTINS

bibRIA

Um pensamento

O Padre Acúrcio! Que poderemos dizer dele? Que nós, os da sua geração, dada a sua estatura intelectual e moral, ficaríamos de mal com a nossa consciência se não fizessemos tudo para que a sua memória fosse perpetuada no bronze. Nós, os da sua geração, que o conhecemos e admiramos.

Mas querem os novos ter dele também um conhecimento exacto? Leiam as suas obras.

Nelas se retrata, fielmente, a sua grande alma de poeta e de cristão.

ANTÓNIO MARIA DOS SANTOS DIAS

Um pensamento

bibRIA

A minha presença

TAMBÉM eu aqui estou, Padre Acúrcio. E que maior honra poderia vir para o meu nome ou maior consolação para o meu espírito do que a certeza de haver dado a minha humilde cooperação na realização desta Homenagem tão justa?!

Mestre e Amigo: a glória é tua! Mas é minha a vaidade de ver que o meu nome fica neste livro, onde estão enfeitados muitos dos teus lindos versos.

ARMÊNIO DE OLIVEIRA ROÇA

Como eu conheci o Padre Acúrcio

É RAMOS uns seis entre os 8 ou 9 anos. Nesse tempo, ali na escola do Conde de Ferreira, brincava-se ao «Já valeu» e jogavam-se renhidos desafios de pião. O «gasoilo» e o «roda-bota-fora» tinham fama pelo interesse e entusiasmo que despertavam entre a malta de calções. Mas, se o professor prometia ausência maior, agarrado às suas intermináveis «paciências», era certo que podíamos dar um pulo mais longe: nadar na Ponte de Ferro ou no Poço do Aníbal.

Naquele dia, o caso do professor estava um tanto duvidoso e era grave, porque, se ele vinha e verificava que a aplicação dos seus alunos se atestava no vazio absoluto das carteiras, punha-se de atalaia à nossa espera para nos apalpar o cabelo molhado e brandir a cana de bambu nas costas dos distintos estudantes... que nós nunca havíamos de ser...

E fomos para a Avenida, para o topo, logo acima das barracas que o progresso aboliu. Era perto, tinha essa vantagem. Podíamos apresentar-nos prontamente, se um grito salvador assinalasse a iminência da entrada do mestre, que Deus tem.

Reinou o «roda-bota-fora»! A circunferência, certinha, riscada no chão com o bico rodopiante e a trança a marcar o raio, constituía o campo de operações. Era o estádio!

Todo o mundo respeitava o nosso jogo, o nosso entusiasmo infantil e o campo. Ninguém ousava prejudicar-nos. Quem queria passar, torneava o sítio e ia à sua vida.

Mas estava escrito que, nesse dia, haviam de ser ofendidos os nossos direitos. E por quem!

De repente, um vulto escuro, atlético, de sobrancelhas espessas como um matagal, de cabeça e tronco imóveis como um bronze, com grosso livro colado ao nariz, movendo as pernas maquinalmente, avançava em passo cadenciado, talvez sem destino neste mundo. Com os olhos enterrados no livro, hirto, sòzinho, as mãos em prece segurando a obra, abandonado de si mesmo e de tudo, eu vi-o como se fora uma figura fantástica em viagem triunfal para o infinito.

Ficámos suspensos diante daquela figura estranha e superior, irresistível no seu silêncio e abandono total, aquela meditação estática, absorvente, face aos graves problemas que lhe prendiam o espírito. O que pensaria ele?!

E, sereno e hierático, bebendo a leitura sem mexer um lábio, sem pestanejar, aqueles olhos fundos e negros cavados no rosto macilento, simultaneamente nobre e duro, irradiando respeito, simpatia e admiração, caminhava para nós, ia atravessar a roda, talvez dar um pontapé no pião penitente!

Insensivelmente, afastámo-nos, abrindo alas, e descobrimo-nos, respeitosos, como se ensinava e era uso das crianças do meu tempo.

Ele disse na sua «Alma presa»:

*«Sinto um impulso enorme, irrefreável
Para a luta pelo Bem, pela Verdade»...*

Miguel Torga havia de retratá-lo, muito mais tarde, neste trecho:

*...«Quem passa na rua
Nem sequer sonha que do outro lado
A paisagem da vida continua»...*

O Padre Acúrcio não nos viu. Um homem assim, em tais momentos, não vê ninguém.

Inteligência rara, fecunda e ávida, lendo tudo, assimilando e amontoando no seu cérebro de eleição tudo que as letras podiam dar, tornou-se o expoente maior da cultura da região. Os seus olhos faiscantes perfuravam até ao vácuo os problemas da vida e a sua cabeça privilegiada mergulhava as raízes nas profundidades.

Já lá adiante, parece que rodou cabeça e tronco sobre as pernas vigorosas, e aquela peça única, com os olhos aflorando à tona do livro colado ao nariz, dirigiu-nos um aceno de belo camarada. E engolindo talvez a última palavra do texto, disse:

— Adeus, meus homens!

Era a sua «Gente Nova» que lhe bailava no espírito admirável, a visão que lhe enternecia os anseios pela infância que a sua ternura e bondade iluminavam para glorioso porvir.

Nunca se apagou da minha memória este passo da minha meninice. Trago-o para o meu depoimento como homenagem a esse homem grande e modesto que foi o Padre Acúrcio.

A morte já o espreitava, bruta e inexorável.

Morreu com 35 anos!

Quando me fiz homem, já o Padre Acúrcio tinha emigrado desta vida, onde deixara um lugar que até hoje ficou deserto. O seu bom conselho, as suas palavras de estímulo para os iniciados na poesia ou nas artes, com um convívio encantador, dizem-no todos, deixou uma saudade inesquecível.

Cidadão exemplar e figura de sacerdote a toda a altura! A sua morte cobriu de luto a Bairrada inteira. Esta Bairrada a que ele deu fronteiras e tão bem cantou nos seus versos memoráveis.

Com a sua morte todos perderam alguma coisa:
Esta terra de Oliveira do Bairro, um filho muito querido e um valor altíssimo!

A Igreja perdeu um Padre!

A Pátria perdeu um Homem!

FAUSTO DA GRAÇA BARATA

bibRIA

Por que é que ele ainda vive?

— **E**U era ainda muito novo quando vi e ouvi o Padre Acúrcio dirigindo a palavra a um auditório de rurais.

Falava sem gestos largos, sem suor na fronte, sem espuma na boca, quase tímidamente. E, ao longo do seu discurso, a sua fala manteve-se sempre simples, à maneira de conversação, embora por momentos apaixonada e quente. De vez em quando, brotavam sugestivas pinceladas líricas tão do seu agrado e modo de ser. O seu pensamento, na tonalidade musical da palavra, tomava também cor.

Ouvi-o encantadamente. Vim logo depois a saber que poucas vezes tinha ainda falado em público. Mas o orador original, vibrante, de surtos inesperados e que atingiam a mais pura eloquência, já estava todo nele, naquela primeira vez que o vi e ouvi. E ficou sempre a viver em mim a emoção desses momentos em que o orador de raça desbobinava o seu raciocínio, como quem doba em fio azul.

Quase alto, enxuto de carnes, de olhos negros e fundos, que sobranceiras enredadas e densas protegiam, de feições irregulares, estranhas, individualizantes, quem uma vez visse e ouvisse o Padre Acúrcio nunca mais poderia esquecê-lo.

E eu, desde essa hora recuada, — tão longe vai já também a minha mocidade — nunca mais realmente o pude esquecer!...

Não fui, porém, da sua convivência senão anos mais tarde, quando missão igual nos situou como vizinhos.

É que, notòriamente insignificante, não fiz parte da «Pléiade Bairradina» por ele fundada, nem colaborei na sua imprensa, embora me interessassem todas as manifestações de espírito, mais do que os seus discípulos amimados e já notáveis poderiam supor. Não sendo da sua convivência, não vivendo nesse tempo na roda do Padre Acúrcio, não perdi, todavia, de vista a ascensão de nenhum deles — e nomeadamente do maior deles —, lendo o que escreviam ou recolhendo ecos das suas reuniões animadas, onde não faltava idealismo generoso, imaginativo, sonhador, com o seu quê de inocentemente revolucionário, como era, aliás, próprio dos rapazes de vinte anos, nesse tempo.

Outros dirão o que lhe ficaram devendo pessoalmente, na sua dupla acção de Pastor e de mentor literário dos mais novos da sua geração. E o seu testemunho, devendo ser, como é de justiça, uma homenagem sem reticências à sua inteligência, ao seu carácter, à sua requintada sensibilidade, — no seu educado sentir, era tão rico como um príncipe da Renascença! — e ao seu coração generoso e franco, não deixará de ser também um agradecimento profundo, que o tempo tornou ainda mais vivo, àquele que, só pelo gosto de dar e de se dar, os iniciou e depois largamente lhes abriu os caminhos da Fé e da Cultura.

* * *

— Foi num domingo de Março, quando pregava na Igreja da Moita, que o Padre Acúrcio se sentiu doente. Cansado já ele chegou nessa tarde, de tanto pregar em Igrejas Bairradinas, pois à pregação se tinha dado com toda a sua alma de sacerdote apaixonado e culto. A sua palavra era apreciadíssima e, sempre solicitado, ele dava-se sem medida nem cautelas. Por amor de Deus e das almas, ele foi o grande semeador que, largamente, semeou as divinas palavras de salvação, a toda a gente Bairradina do seu tempo. Para tanto, de si não cuidou.

Agiu como perdulário de riquezas inesgotáveis. Deus tinha-lhe dado um grande talento e ele pô-lo a render, servindo o próximo nos seus interesses mais altos, com prejuízo de íntimas inclinações e da sua própria saúde. Esquecido de si, ardia sempre em chama viva de inquietação e amor.

A sua palavra, por isso, tomava tons musicais, ao tempo inéditos aos ouvidos Bairradinos. Da toada melódica ou do retalho bucólico, passava, sem custo, por simples movimento interior, à mais pura eloquência, — àquela eloquência que é alma em paixão, em vida de sofrimento, porque é tocada das divinas ansiedades do Amor que continua em Paixão até ao fim do mundo. Nesse tempo era ele que tinha o segredo de apresentar as perenes verdades de uma maneira atraente, actualíssima e viva. Por isso é que, em período de manifesta decadência religiosa, o Padre Acúrcio tinha sempre numerosos auditórios, enchendo-se completamente as Igrejas em que pregava. E o bem que fez pela sua palavra foi imenso.

Ainda hoje se sente na saudade dos que o ouviram.

O seu último sermão foi pregado na Moita, ao entardecer dum dos últimos domingos de Março. Trazia cansaço da jornada. Sentia alquebramento pelo repetido esforço de pregações brevemente intervaladas. Mas ainda pregou na velha Igreja assente na última dobra da colina e sempre posta a olhar o vale que tem seu termo em Anadia. Porém, ao descer do púlpito, já se sentia ferido de morte, e veio a falecer no dia 25 daquele mês, podendo dizer-se que terminou a sua vida a anunciar aos homens o Verbo de Deus feito carne, à hora em que, há muitos anos, na humilde Casa de Nazaré, se realizava o Mistério da Encarnação.

* * *

— O Padre Acúrcio foi, no seu tempo, infelizmente tão curto e breve para nós todos, — o valor de maior relevo intelectual da região Bairradina. Promessas, que depois se tornaram em brilhantes realidades, havia já algumas.

Era a floração na primeira manhã de primavera dos que iam apontando na vida. Mas o primado da inteligência operosa e benéfica pertencia de direito ao Padre Acúrcio. E todos lho reconheciam, tal era o seu fulgor e cultura. É mesmo de salientar que a sua humana simpatia tocava de respeitosa camaradagem muitos dos que tinham voltado costas à Igreja ou se voltavam irados contra ela, para a insultar ou demolir. Junto dele, todos se acovardavam de revelar a sua mentalidade de primários e demagogos. Ao menos, aparentavam de civilizados. Mas outros, e não poucos, foram mais além. Estudaram. Compreenderam. E, pela graça de Deus, entraram na Igreja de Cristo e da História. Ainda hoje, quem conversar com certos homens, que foram os queridos rapazes do Padre Acúrcio, encontra neles as razões de crer que eram as imutáveis e grandes razões de crer do fortemente intelectualizado Padre Acúrcio.

Ele tinha salvado a sua vocação. O vendaval, que arrastou e submergiu tantos que chegaram a ser esperança da Igreja, a ele confirmou-o. Arreigou fundo, ficando bem firme e bem robusto para aguentar, sofrendo ou desencadeando as lutas que, ao tempo, era necessário manter, se não se quisesse trair.

Toda a Bairrada conheceu a sua fé em horas desoladas, de quase ninguém e de quase perseguição. Mas também toda ela sentiu quanto era compreensivo o seu coração sacerdotal, mesmo com aqueles que se compraziam na atitude obstinada de negar. Pela sua fé profunda, luminosa e simples; pelo seu coração a bater-lhe fora do peito e a falar pela sua boca, o Padre Acúrcio irradiava simpatia, o Padre Acúrcio era suave e aliciantemente irresistível. Por ele caíram muitos preconceitos e muitas bocas se calaram. Por ele muitas palavras loucas deixaram de ouvir-se. O seu prestígio de homem de Deus, inteligente e bom, quando não conquistava, ao menos fazia emudecer. Só quem conheceu a Bairrada do seu tempo e o seu próprio campo de Pastor pode louvá-lo e agradecer-lhe convenientemente.

Os tempos eram particularmente duros, agrestes e sombrios. Ainda havia quem quisesse afirmar-se, atirando doestos ao Padre que passava. Ainda havia mesmo quem, embalado em horizontes de pocilga, pensasse que assistiria aos funerais da Igreja. A primeira grande surribo destes terrenos, esterilizados por uma propaganda não só anti-cristã mas anti-nacional, pertence ao Padre Acúrcio. Era um sacerdote ainda moço, mas já aparelhado para estas lutas, como mais ninguém nas terras Barradinas. E todos, ao fim, tiveram que reconhecê-lo.

* * *

— Naquele mês de Março, o Padre Acúrcio e eu tínhamo-nos encontrado algumas vezes. Eu tinha vindo depois, mas desde há alguns anos seguia atentamente a acção do Padre Acúrcio. Ele exerceu mesmo sobre mim uma influência ainda não extinta. Ora eu tinha-me lançado em caminhos de que ele desejava conhecer o trilho certo. Por isso, nesse mês de Março, nos encontramos para interessadas e elucidativas cavaqueiras. Conheço, pois, como mais ninguém, o seu pensamento íntimo, as suas maiores preocupações como Pastor de uma importantíssima terra Bairradina. A ele, nesse tempo, já não lhe faltava o pão de cada dia. Uma remuneração não estipulada, garantia-lhe as possibilidades, cada vez mais largas, de comprar os livros com que ia alimentando a insaciável fome de saber. É certo que a casa não se alíndava e a desarrumação era sempre maior. A sua cama de ferro com o colchão duro ficou também sempre a mesma. E foi nela, na cama que vinha de longe, dos tempos de penúria e das incertezas, que ele, na dor da doença, disse a sua última missa ao abalar para a morte.

Mas ele era assim e de mais não precisava. É claro que todos o conheciam, na sua escondida mas requintada sensibilidade, estranhavam aquele abandono, aquele desconforto, aquele desarranjo, aquela quase penúria, em que

faltava, por vezes, o essencial. Os olhos, ao olharem, arrefeciam. Os mais dedicados amigos, porventura, saíam feridos, pela nudez agreste das coisas.

Só ele se sentia maior, se não verdadeiramente feliz, no meio em que a Igreja pobre o colocava pobrementemente. Tudo assim lhe ia chegando ao seu passadio de operário sem salário certo.

Ora a este homem feliz na sua mediania faltava a felicidade do seu próximo. E esta falta foi-se acentuando à medida que o apostolado se alargava.

Em Março de 1925, a sua maior preocupação era lançar um movimento sério, providente e assistencial a favor dos pobres da terra em que era Pastor. Sentia, com uma agudeza de santo, a casa desguarnecida, a sua fome, a sua nudez, a sua doença, a sua solidão, e a tudo isto queria acudir, como se fosse o seu primeiro dever, até agora repesadamente esquecido.

Estou a ouvi-lo, vibrante e apaixonado, como se fosse um incendiário. E queria-o ser no bom sentido. A morte, porém, levou-o antes que pudesse realizar esta presença da Igreja, ordenada e segura, no meio dos pobres. Mas, o seu maior desejo, a sua maior preocupação, era receber e transfigurar esta herança que é, sem dúvida nenhuma, a pedra de toque da verdadeira Igreja.

Por mim julgo que é pelo que ele principiou, ainda que fragmentariamente e não pôde concluir senão em desejo, que torna o Padre Acúrcio sempre vivo mesmo entre aqueles que pessoalmente o não conheceram.

Os pobres não deixam esquecê-lo, pois são eles que falam mais de perto ao coração de Deus e dos homens.

PADRE ABEL CONDESSO

ANTOLOGIA
bibRIA

bibRIA

NOTA EXPLICATIVA

ATENDENDO às numerosas produções literárias deixadas pelo saudoso Padre Acúrcio Correia da Silva, impressas nos três livros que publicou, outras dispersas em vários jornais e revistas da época, geralmente assinadas com pseudónimos, dos quais o mais conhecido foi o de Sálcio Bairrada, e muitas outras ainda inéditas, encontradas na sua biblioteca e na posse de alguns amigos íntimos, impossível seria publicá-las todas nesta Antologia, o que, aliás, não deixaria de ser interessante para um conhecimento mais completo da sua multimoda personalidade de fluente orador sagrado, inspirado poeta e arguto ensaísta.

O Padre Acúrcio nasceu para ler e para escrever. Leu muito e escreveu muito. Toda a sua curta vida foi um permanente caudal de produções. Se algumas não devessem ser publicadas, outras, infelizmente, aguardam ainda o dia em que alguém se lembre de as tornar conhecidas de toda a gente.

Por isso, os organizadores desta Antologia, após um exaustivo trabalho de consulta e recolha, resolveram, embora reconhecendo as dificuldades de tão ingrata tarefa, escolher, dentre as numerosas e variadas produções do Padre Acúrcio Correia da Silva, aquelas que, em seu entender, caracterizam melhor a sua personalidade como poeta e ensaísta. O trabalho foi difícil e não está isento de erros. A sua finalidade, porém, foi dar a conhecer, sobretudo às gerações futuras, como exemplo a seguir, alguma coisa da obra de um homem que foi Alguém na nossa Terra — na sua e nossa querida Bairrada.

E essa finalidade, segundo cremos, foi atingida, o que, só por si, é bastante para ressaltar qualquer falta que possa ter havido.

ZOLA EXPLICATIVA

bibRIA

OBRAS DO PADRE ACÚRCIO :

PUBLICADAS :

- DOR E LUZ (*versos e prosa*), 1912.
SEROADAS FULVAS (*versos e prosa*), 1915.
NATAL... FESTA DA FAMÍLIA! (*Carta de Boas-Festas aos meus paro-
quianos*), 1916.

INÉDITAS :

- DIVAGANDO POR SOBRE O PÓ (*versos*).
HARPEJOS (*versos*).
DO ALTO DAS FONTANHEIRAS (*versos*).
INCENSO E FLORES (*paráfrases místicas*).
PENADAS — COISAS DE ARTE (*prosa*).
AOS QUERUBINS (*versos para os vossos filhinhos*).
SONETOS DO SUL.

TEATRO :

- O VOLUNTÁRIO DA GUERRA (*drama em 3 actos*).
GAROTICES (*teatro cómico*).
AUTO DOS REIS MAGOS.
AMOR À MESA (*cançoneta*).
BAIRRADINA (*cançoneta*).
O PETIZ DOS GUADA-SÓIS (*tercelo cómico*).
A NOIVA DO SOLDADO (*cançoneta*).
A VENDEDEIRA DE LARANJAS (*cançoneta*).
LENÇO VERDE (*dueto*).
FLORISTA (*cançoneta*).
O FADO NO CAMPO (*cançoneta*).

OBRA DO PAIS AGRADO

1911-1912

bibRIA

1911-1912

1911-1912

Plano de Biblioteca

VERSOS

bibRIA

VERSOS

bibRIA

Hino da Bairrada

LETRA DO PADRE ACÚRCIO CORREIA DA SILVA
MÚSICA DE ALBANO CRUZ

I

Do Buçaco até ao Vouga,
Desde o Caramulo ao mar,
Um paraíso se afoga
Em sol, verdura e luar...

É uma terra encantada,
Onde aves e trovadores
Dão perpétua serenada
Aos fulvos astros e às flores!

(Coro)

II

Enquanto a vista se perde
Nestes campos enflorados,
— Ó filhos da terra verde,
Ó Ala dos Namorados! —

Inspirai-vos nas cantigas
Que soltam em timbres d'oiro
Os lábios das raparigas
Desfolhando o milho loiro!

III

Quando Portugal nasceu
De uma guerreira arrancada,
Baixou a graça do céu
Sobre os campos da Bairrada,

P'ra que os lusos guerreiros,
De cruz e espadas cingidas,
Achassem nos seus outeiros
Descanso às sangrentas lidas.

(Coro)

IV

Porque passou na Bairrada
Camões, o rei dos cantores,
Talvez dela copiada
Fosse a Ilha dos Amores...

Os recortes verdejantes
Da paisagem bairradina
Lembram bem as ondulantes
Curvas da Ilha divina!...

CORO:

Bairrada amada!
Seja benvindo
Quem te amar, ó roseiral!
Terra lavrada...

Rosas abrindo
Como em éden triunfal...
És o canteiro mais lindo
Do jardim de Portugal!

Hino da Bairrada

Marchial $\frac{3}{8}$

The musical score is written in 3/8 time and consists of six systems of staves. The first system is a piano introduction marked *fi* (forte) and includes a large watermark 'BIBRIA'. The second system continues the piano introduction. The third system introduces a vocal line marked *voz* and *mf* (mezzo-forte). The fourth, fifth, and sixth systems continue the piano accompaniment and vocal line. The score includes various musical notations such as treble and bass clefs, notes, rests, and dynamic markings.

Hino da Bairrada

The image shows a musical score for a piece titled "Hino da Bairrada". The score is written for piano and consists of six systems of staves. The first system includes dynamic markings *p* and *f*. The second system includes a *f* marking. The third system is marked with a Roman numeral *II* and includes the instruction *Para o 2º*. The fourth system includes *f* and *ao 3º* markings. The fifth system includes the instruction *rall: poco*. The sixth system is a final, empty system. A large, semi-transparent watermark "BIBRIA" is overlaid across the middle of the page.

bibRIA

Aos anjos da poesia...

Ó anjos da poesia, ó cândidas beldades,
Irmãs dos querubins, — ó núcias do Céu,
Que me acenais ao longe, ao fundo das idades,
Cantando heròicamente as velhas potestades
Nas cordas triunfais da lira de Tirtéu,
E soluçando doces, místicas saudades,
Nas cordas pastoris da cítara de Orfeu...

Que outrora, celebrando os feitos dos guerreiros,
Em versos festivos, homéricos, divinos,
Andastes a cantar p'los flóridos outeiros
Da Grécia sonhadora, e à sombra dos loureiros,
Sentadas nos ilhéus, dos golfos azulinos;
E andastes a gravar na casca dos olmeiros
Uns versos amorosos, brandos, pequeninos...

Que voastes para a Itália, e andastes com Virgílio
Por sobre o Mar Egeu, à flor das ondas lisas;
E chorastes com ele as lágrimas do exílio;
E lhe fechastes, morto, o veludíneo cílio
Daquele olhar, que viu tão largo sem balisas...
E assististes, talvez, ao mágico concílio
Das líricas vestais, das virgens Pitonisas...

Vós, que inspirastes Tasso e o formidável Dante,
Sentado a meditar ao pé das catedrais,
Levando-o pela mão a ver a casta amante,
A cândida Beatriz, que deslisava hiante
Na trágica mudez dos giros infernais...
Falastes com Petrarca à réstia flutuante
Das noites de luar, das noites medievas...

Que destes alma e vida aos versos de Camões,
O indómito guerreiro, o excelso trovador;
Que lhe inspirastes doces, trémulas canções,
Nas grutas orientais, nos ermos, nas soidões,
— Canções cheias de fogo e trágicas de dor;
Vós que haveis insuflado aos grandes corações
Os carnes da tragédia e os cânticos de amor...

Ó anjos da poesia, ó cândidas beldades,
De tranças luminosas, louras como o trigo,
Que me acenais ao longe, ao fundo das idades,
Cantando herôicamente as velhas potestades
Na cítara de Homero — o olímpico mendigo...

Eu canto o sofrimento, e as crenças, e as saudades,
Ó líricas beldades ideais, sede comigo!...

Alma presa

Eu tenho dentro de mim um fogo aceso:
O lume dum Ideal heróico e nobre!
— E este meu ser ardente inda anda preso
Às fezes deste mundo triste e pobre!

Arde-me n'alma um facho resplendente
Que me ilumina as vias do Dever,
Como dizendo: — Avança para a frente,
Heróico, sem tremer!

As vezes sobe às nuvens a minha alma,
Encara do alto as fezes, os abismos,
E eu sinto então a ânsia ardente e calma
Dos grandes heroísmos.

Sinto um impulso enorme, irrefreável,
Para a luta p'lo Bem, pela Verdade,
Como se um óleo célico, inefável,
Me ungisse o coração de piedade!

Galvaniza-me um ímpeto nervoso,
Feito de Caridade e Indignação,
Contra o Vício maléfico, odioso,
Contra a Avareza, contra a Podridão!

Sinto rugir-me aqui, no crânio ardente,
Um turbilhão de cóleras benditas
Contra o cinismo torpe e insolente
Que gera excessos, violações, desditas!

Dão-me ímpetos de me ir p'lo mundo além
Com grandes gestos ríspidos, abertos,
Calcar o Vício, apostolar o Bem,
Como os velhos ascetas dos desertos...

Enfrentar a Malícia triunfante,
Sem medo, tropejando, heróico e rude,
Envolto numa auréola deslumbrante
De austeridade excelsa, de virtude...

Cobrir com minha capa os pobrezinhos
Que dormem p'las valetas das estradas,
Quase a morrer de fome, coitadinhos!
De fome e frio, em noites regeladas...

Beijar a face magra aos desgraçados,
Pondo-lhes n'alma os gérmens das esp'ranças:
E acarinhar às pálidas crianças
Os cabelitos soltos e doirados...

Subir aos montes, junto dos pastores,
E depois, brandamente, com bondade,
Dizer-lhes, assentado sobre flores,
Palavras de verdade...

Abeirar-me dos torvos revoltados,
E nuns pacíficos, melifluos tons,
Dizer-lhes: — Tende esp'rança, ó deserdados,
Esperai e sede bons!...

Jornadear ao sol, léguas a fio,
Para pregar o Verbo eterno às gentes,
E adormecer, à tarde, ao pé dum rio,
À sombra dos salgueiros viridentes...

Sentar-me ao pé das fontes, nas ribeiras,
A meditar nos Dogmas, nas Origens,
E vendo passar perto, entre as roseiras,
Cantando e rindo, as noivas mais as virgens...

Dizer coisas do Céu às violetas,
Aos lírios, às orquídeas, às ervinhas,
Enquanto sobre as minhas roupas pretas
Viessem pousar, chilreando, as andorinhas...

Ser um poeta místico, eremita,
Vivendo para o pranto e para a Luz,
Na paz de Deus, feérica, bendita,
— Um trovador da Cruz...

bibRIA

Cavadores

Ao longe — vedes? — os cavadores,
Filhos do campo, filhos da leiva,
De olhos escuros e cismadores,
Olhos ingénuos de trovadores...
— Cantam os campos, cantam as flores,
Cantam a seiva...

Por horas mortas (céu estrelado)...
Eles lá vão

Lavrar a terra, guiar o arado,
De olhar bondoso e resignado
Posto nos olhos do manso gado,
Posto no chão...

Vêm as chuvadas, as inverneiras;
Rugem os rios, incham ribeiras;
Alagam campos, alagam leiras...
Vede a desgraça!
Que há-de ele fazer? — De olhar dorido,
Mal almoçado, pior vestido,
Senta-se à porta, esmorecido,
A ver quem passa...

Vem o calor do sol doirado
Queimar-lhe o pão!
Que há-de ele fazer, o desgraçado
Do lavrador? — Vai pró cirado,
De aspecto triste, de olhar pasmado,
Cismar na vida, descoroçoado,
Queixo na mão...

Estala a guerra; levam-lhe o filho.
Crescem os ratos, trincam-lhe o milho...
— Oh! forte praga de ratazanas! —
Branqueja a neve, ruge a nortada...
Lá vai a telha desmantelada
Das alpendradas mais das choupanas!

Ouvide ainda maior desgraça:
Tinha uma filha, — que doce graça
De rapariga!...
Nas largas noites, junto à fogueira,
Lume bendito sobre a lareira,
Ela fiava (gentil fiandeira...)
O linho branco da sua estriga...

Até ao tardo cantar do galo,
— Não imaginam — era um regalo
O pai velhinho vê-la fiar...
Rufam chuveiros fortes lá fora...
Ai! Anjo Bento! Nossa Senhora
Seja c'os que andam a esta hora
Por sobre as águas turvas do mar!...

Ela era a vida da sua vida;
Ela era o lume do seu olhar,
— Lume bendito que n'alma brilha...

Como ele lhe queria — rola querida!
Nem temos nada que admirar,
Porque era filha...

Mas sucedeu que, em certo dia,
(Dia aziago... Ele nem podia
Pensar em tal de olhos enxutos!)
Passou por lá um rapazão...
(Grande patife! Grande ladrão!)
Leva-lhe a consolação:
Rouba-lhe a filha, e em troca, então,
Deixou-lhe a dor, — só dor e lutos!

Malditos sejam os valdevinos
Que andam as jovens a desonrar!
Santos velhinhos, boas famílias,
Guardai dos lobos as vossas filhas
Dentro do lar...

Vede a desgraça enorme e crua
Do paciente do lavrador!
— Triste batalha! —
Que há-de ele fazer? Que vida a sua!
Que há-de ele fazer na sua dor?!
O Pai-do-Céu o ajude e valha!...

Bons lavradores! Chorando ou rindo,
Dizem que vida assim não há...

Vamos, rapazes, vamos subindo!
Deixai-os lá!...

bibRIA

Os miseráveis

TENDES olhos de ver, olhai... — Ao fundo,
Nas bocas tenebrosas das cavernas,
Não vislumbrais um turbilhão imundo
De larvas, num grasnido gemebundo
Feito de raiva e maldições eternas?

São os ladrões, ferozes valdevinos,
Cujos instintos são ódios e sangueiras!
Alta noite, os seus olhos de assassinos
Fosforejam bravios, reptilinos,
Entre as sarças das velhas carvalheiras...

Pelas trevas, aos sons dos temporais,
Quando os ventos ululam nas florestas,
Vão agrupar-se às portas dos casais,
Afiando os mortíferos punhais,
Coçando-os pelas mãos nervosas, lestras...

São também vagabundos os ciganos,
Das barbaças intonsas e nojentas,
Esguedelhados, rotos e marranos,
De testa cancerosa envolta em panos,
Escorrendo matérias fedorentas...

Coitados! Em magotes pelas praças,
Para colher esmolas miseráveis,
Esbracejam ridículas negaças
E rouquejam exóticas chalaças,
Retorcendo as bocarras execráveis...

Pobre ciganos! De olhos estoirados,
Pernas podres e faces cabouçadas,
Lá vão a correr mundo, atormentados,
De estômago vazio e pés pisados
Dos duros pedregulhos das estradas...

São inda as torturadas das rameiras,
As pobres raparigas sem pudor,
Que se espojam nas frígidas lameiras,
Ao sol, à chuva, às rijas ventaneiras,
Sem alma, sem destino, sem amor!

São míseros farrapos encharcados
No lodo da torpeza verminada!
Ah! homens, egoístas derrancados!
E ainda vos julgais civilizados,
Ó luxuriosa, estúpida manada!

Não lastimais as pobres meretrizes,
Que andam na lama, a chafurdar de rojo?
Chamai à dignidade as infelizes!

— Ó rapazes, tapemos os narizes;
Sigamos para cima! Isto faz nojo!

Uma declaração...

PORQUE és formosa, de uma formosura
Tranquila, a ressumbrar ingenuidade
Dessa cútis de cisnea brancura,
Desses olhos de histérica saudade.

E não tens para a alheia desventura
Um gesto de piedade...

Porque andas sobranceira, airosa, esquiva,
Num automóvel caro com brasão,
A pompear tua nobreza altiva
Aos olhos duma ignara multidão.

E não ouves a música aflitiva
Dos míseros sem pão...

Porque ostentas rendilhas, adereços,
Nesses peitos de leite, palpitantes:
Diamantes, pedrarias d'altos preços,
E mágicos perfumes tonteantes.

E mandas arredar como tropeços
Os párias ululantes...

Porque em dias festivos banqueteias
Tuas lindas amigas, adoráveis,
E rodopias em ducaís coreias,
Com músicas divinas, inefáveis...

E desprezas as magras alcatcias
Dos rotos miseráveis...

Porque engordas teus lindos cães de luxo
Com boas pestiqueiras preparadas,
E os lavas, à tardinha, no repuxo,
E os vais deitar em câmaras doiradas...

E não ouves gemer, atrás do buxo,
Os pobres, nas escadas...

Porque gozas e comes e descansas,
E vais ouvir à noite as operetas,
Onde galopam velhas contradanças
Com outras várias cenas obsoletas...

Esqueces-te das pálidas crianças,
Que dormem p'las valetas...

Porque em noites de lírico luar,
Quando as aves dormitam na soidão,
À varanda te sentas a cismar
Em coisas de prazer e de paixão,

E não ouves ao longe trovejar
A rouca sedição...

Porque és airosa, linda, sem igual,
Como uma rara, perfumosa flor...
E tens uma alma fria, material,
Alheia às penas trágicas da dor,

— Olha, criança, eu não te quero mal,
Mas não te tenho amor...

bibRIA

bibRIA

Evocações

Eu vislumbro uns estranhos personagens,
Arrastando umas rústicas roupetas
Por sob os toldos verdes das folhagens...
— Olhai!... São os Profetas.

Morreram já há muito, escalavrados
Pelas fomes e austeras penitências,
Nos desertos, p'los cardos dos valados,
Ao frio, à chuva e às tórridas ardências...

Fitai-os... De cabelos desgrenhados
E grandes barbas brancas, luzidias,
Bracejam pelos cerros, inspirados
P'lo sopro genial das profecias...

É o velho Jeremias, lastimando,
Nos plainos verdeengos de Siquém,
O insondável abismo formidando
Onde vê mergulhar Jerusalém!

Ai! Na sua lamúria contristada,
Lamúria de tristeza, de desgosto,
É bem toda uma Raça desgraçada,
Que chora o seu sol-posto...
— Olhai!... São os Profetas.

Ó líricas aldeias da Judeia,
Ó rústicos trigais de Zabulom,
Ó árvores florais da Galileia,
Ó águas murmurosas do Sarom!...

Ó aldeias humildes, aninhadas
Nas encostas, por entre os palmeirais,
Que adormeceis em horas repousadas
Sob o luar das noites orientais...

Ó trigais lourejantes, ondulados
Pelas tépidas brisas perfumosas,
Que passam, beijocando nos valados
As corolas balsâmicas das rosas...

Ó árvores escuras, sussurrantes...
Ó airozas e múrmuras palmeiras,
Que dais sombra aos cansados viandantes
Róidos das poeiras...

Ó águas do Jordão, águas sagradas,
Que rolais sobre a areia, lés a lés,
Suspirando umas místicas baladas
Do tempo de Moisés...

Ó coisas orientais!...
Ó brancas pombas que arrolais tão bem,
Ó hortos, ó jardins, ó olivais,
Ó lírios de Belém!

Eu quero ouvir as lástimas antigas
Dos Juízes, dos Reis mais dos Profetas
De longas barbas brancas como estrigas,
De olhos pisados, roxos quais violetas...

Contai-me essas antigas penitências,
Essas heróicas orações estranhas,
Que murmuravam sobre as eminências
Das ásperas montanhas...

Cantai-me as melopeias contristadas
Das cândidas mulheres bibliais,
Quando iam, ao clarão das alvoradas,
Prá ceifa dos trigais...

Falai-me dessa Virgem toda luz,
Da mística alegria dessa Mãe,
Quando em seus braços recebeu Jesus
Na Lapa de Belém...

Falai-me dos grosseiros sacerdotes,
Dos magros e barbudos Fariseus,
E desse esgrouviado Escariotes,
Que ousou traír um Deus!

Falai-me de Jesus e seus martírios,
Do seu último gesto de perdão,
Ó águas do Jordão,
Ó urzes do Calvário, ó roxos lírios!...

bibRIA

Penadas ligeiras

(Ó Revoltados!)

Ó revoltados, almas ardentes,
Almas em fogo como vulcões:
Para que abismos levais as gentes?
Para onde ides? (dizei, dementes!),
Lançando à gleba negras sementes
De mais sinistras revoluções?...

Sois como tigres rugindo à solta,
O turbamulta de tresloucados!
Nos rancos fundos que o vento solta
Há menos fúria, menos revolta
Que em vós, bramando, lançando em volta,
Olhos bravios, olhos airados!...

Loas à bomba! (loas à guerra!)
Vivas à pólvora e ao canhão!
Tais são os gritos que pela terra
Voam sinistros em turbilhão!

Tanto as velhinhas encarquilhadas,
Como as nubentes engrinaldadas
E o paciente do cavador.

Todas as almas boas, enfim,
De ouvir-vos tremem, dizendo assim:
«Senhor, Senhor!»

Senhor, Senhor! Suspende a turba
Que não tem alma, que não tem norte,
Que tudo calca, que tudo curva,
Lançando a guerra, semeando a morte!

E as inocentes das criancinhas,
De olhos festivos como alvoradas,
Choram escondidas, amedrontadas,
Ao ver-vos, tremem quais andorinhas...

Há entre vós — (oh! sei-o bem!),
Almas roídas de infinda dor,
Sem lar, sem lume, sem pão, sem mãe,
Sem ter família, sem ter alguém
Que lhes dispense risos e amor!

Nesses a vida é noite escura...
Não tem luz!
São almas gémeas da desventura,
De corpo magro e de alma dura...
Jesus! Jesus!

Nos vossos fatos esfarrapados,
Nos vossos rostos escaveirados,
Voeja a dor,
Falta-vos lenha, falta-vos pão,
Falta-vos lume no coração
— O lume santo do santo amor!

Por isso a raiva vos convulsiona,
Gesticulando murros irados,
Por isso em grita vindes à tona,
Ó infelizes, ó revoltados!...

Que reclamais vós, afinal,
Ó deserdados, filhos da fome?!
Quereis que acabe p'ra sempre o mal
Que vos tortura, que vos consome?

Oh! sim... é justo! Porém, a guerra
Jamais trará o que almejais!
Muitas ruínas por toda a terra,
Maior miséria, mais trega guerra!
Felicidade? — Jamais!... jamais!...

.....
bibRIA

Há dois mil anos, disse Jesus:
«Ama o escravo que é teu irmão...»
(E são escravos os desgraçados!)
O Cristianismo — eis aí a luz,
A grande fonte que emana a flux
A paz bendita do coração,
Ó revoltados!...

bibRIA

Os filósofos

É tempo de seguirmos para cima,
Rapazes! Vamos lá:
Que o tempo é um tesouro que se estima,
Pois é p'ra isso que o bom Deus o dá.

De olhos profundos, a fitar o chão,
E quedos, quais bramânicos teósofos,
Há uns vultos ali, na solidão,
Imersos em letal meditação...

Olhai: — são os filósofos.

Os rostos secos, magros de cismar,
Cobrem-nos sórdidas barbaças feias;
Vê-se nos olhos fúlgidos brilhar
O fogo das ideias...

P'la estrada de nevoenta antiguidade,
Vem já de muito longe essa legião,
Esquadrinhando com sofreguidão
O rastro da Verdade...

No céu da Grécia antiga, azul, profundo,
Cintila, com olímpico clarão,
A tríade infindável da Razão,
Iluminando os ângulos do Mundo:

— Aristóteles, Sócrates, Platão...

Esses génios enormes, admiráveis,
Esses homens de fundos olhos virgens
Empregaram esforços formidáveis
Por descobrir os Fins mais as Origens...

E algo eles fizeram com efeito:
— Legaram-nos a nós muitas verdades,
Como grânulos de oiro imperfeito,
Refulgindo na noite das Idades...

Nesse tempo, porém, não viera ainda
Do misterioso Empíreo esse clarão
Pedido tantas vezes por Platão:
— A voz de Deus, com a Verdade infinda,
Que rompesse as caligens da Razão...

.....

Olhai-os hoje ainda... — Olhos erráticos,
Fitos não sei em que visões distantes,
Parecem velhos ermitães lunáticos,
Leitores de alfarrábios esquipáticos,
Sepultos na poeira das estantes...

Surge agora a grandíssima questão,
Que eles (coitados!...) querem resolver
Dépressa, quanto antes, bem ou mal...
É a questão do nosso coração,
Deste vago e nostálgico sofrer
Que eles designam Dor Universal...

Este mal, esta dor, este martírio,
Pertence essencialmente ao coração,
Como pertence às pétalas do lírio
Aquele cor tão linda de paixão...

Porém, não acreditam, e pretendem
Que o homem, de nascença, é imaculado,
Como as viçosas pétalas que estendem
As açucenas para o sol doirado...

E assim andam tentando realizar,
Cá sobre a terra, a plena felicidade,
Pondo o homem na peanha dum altar,
Fazendo dele uma auto-divindade...

E o mundo, no mais vil materialismo,
Desfaz-se numa infanda corrupção,
E, guiado pela rédea do Egoísmo,
Precipita-se no fundo dum abismo
 Onde arde um cataclismo,
Onde rouqueja a fulva sedição!

E passa à flor das coisas a gemer
— Qual bocejo de quem acorda tarde —
O tédio genial de Schopenhauer,
O imenso pessimismo de Leopardi...

De olhos profundos, a fitar o chão,
Esfíngicos como índicos teósofos,
Olhai os cismadores da soidão,
Em filosófica meditação...

Coitados dos filósofos!

bibRIA

O anarquista

ERA uma rapaz novito, alto e trigueiro,
Cheio d'esp'ranças, crente, sonhador;
A seus olhos o mundo era um canteiro,
E cada coração era uma flor...

Era pobre, mas forte! — e esperava
Ser grande, ser feliz, — e empregava
Dias, noites de vela a estudar!

E tanto em seu labor se concentrava
Que nem tempo tivera para amar.

Havia em sua terra uma donzela,
Senhora de palácios, de milhões,
E tão airosa, tão gentil, tão bela...

(Deus criara talvez a face dela
P'ra mortificação dos corações...)

Suas faces mimosas, carminadas,
Nimbavam-se de encanto singular,
Quando ia passear pelas estradas,
Ao fim das tardes mornas, a cismar...

E ele, o pensador das horas mortas,
De pupilas febris, vagas, absortas
De tanto cogitar,
Ele, o heróico lutador do estudo,
O sério trovador, pálido e rudo,
Ao ver passar o vultozito mudo,
Teve a desgraça de se apaixonar...

Amor obscuro e santo
Que bem fundo no peito ele escondia...
Crescia cada dia, tanto, tanto...
Que já nem lia,
Nem estudava,
Nem dormia!

Dizer-lhe a perdição de tal amor
— A ela, a milionária — era loucura:
Iria rir-se, — ó céus! Antes a dor
Dum amante ignorado, sem ventura...
Um dia, passeava distraído,
A hora festival do sol-poente,
Quando sentiu as sedas dum vestido
Rangendo nuns arbustos, docemente...

Voltou-se para ver, e, de repente,
Tomado de fatal fascinação,
'Stacou ali, de frente
Duma enfeitadora aparição...

Era no ermo, à hora majestosa
Em que os brados plangentes das Trindades
Acordam dentro da alma suspirosa
Um misto de esperança e saudades...

Sua alma, sequiosa de carinhos,
Teve a impressão de que a primeira estrela
Vinha casar, numa aliança bela,
Os dois, ali sòzinhos!

Poisando a mão febril no coração,
Fez um esforço p'ra falar, e assim,
Sublime de paixão,
À jovem surpresada disse enfim:

— «Ó linda milionária! Não te rias
Do que o meu coração te vai dizer!
Se acaso crês no Amor, nas Harmonias,
Escuta-me, mulher!

Tens ouro, pedrarias, ricas sedas,
Palácios com brasões;
E passas descuidadas horas ledas
Contando os teus milhões!

Eu, bem sabes, não tenho nada disso;
Por esse lado, ó linda, nada valho...
Surgi à vida lutador, submisso
À lei grandiosa e santa do trabalho!

Neste crânio altaneiro e anguloso,
Abrigo um bando róseo de ilusões...
Arde-me n'alma um clarão radioso
De mil aspirações!

Se tu souberes como neste peito
A vida heróica tumultua e ri,
Verás que hás-de falar com mais respeito
Da distância que vai de mim a ti...

P'ra resumir: és rica, e eu sou pobre;
Qual de nós te parece que é mais nobre?

Agora, escuta! O pobre coração
Que neste peito aspira e pulsa, aqui,
Abre-se no ardor duma paixão:
Arde de amor por ti!

... Eu não quero o teu oiro, ó minha flor;
Nem mesmo um trono, se fosses rainha!
Que importa o oiro? Dá-me o teu amor,
Entrega-te sozinha!

Hei-de ser grande, ó anjo, hei-de estudar!
Ganharei tantos louros de vitória,
Que te hei-de apresentar
Ao mundo envolta num clarão de glória!

Ao pé dum Poeta, que importância tem
O rico ocioso que a flandar cavalga?
Vem aos meus braços, minha estrela, vem,
Entrega-te, fidalga!...»

Mas nisto, ela, altiva e orgulhosa,
Assim lhe respondeu, de cara alçada:
— «Você é doido!» — E foi-se, vagarosa,
Casquinando uma seca gargalhada...

E o torturado amante, sob o açoite
Daquela brusca gargalhada alvar,
Ali ficou prostrado toda a noite,
Sòzinho, a soluçar!

*
* *

Hoje é um revoltado. O mundo treme
De ouvi-lo trovejar, altivo e forte!
Seu peito espadaúdo, irado, freme;
A guerra à sociedade é o seu norte.

Os seus discursos, quentes, inflamados,
Saqueiam tronos, destroçam brasões,
Quando agita os cabelos desgrehados
Ao sol sangrento das revoluções!

Não ama! Odeia tudo o revoltado!
E enquanto, contra tudo, o ódio enrasta,
O mundo inteiro diz, amedrontado:
— «Olhai o anarquista!»

bibRIA

Carta familiar

*Sangalhos de Anadia,
Vinte horas, sol posto,
(Ano de vinte) no dia
Dezanove de Agosto.*

SENHOR Artur e meu prezado amigo,
Escrevo-lhe hoje, em rude estilo antigo,
Esta carta folgaz, familiar,
A pressa, sem apuro, sem vagar,
Para, em paga da fina gentileza
Com que entre vós, no vosso lar, à mesa
Sentastes, à feição de altas estimas,
Este moreno brincalhão das rimas
Vos mandar saudações atenciosas.

A sua Mãe e às buliçosas rosas
Que são suas irmãs, e gentil Ida,
(Vivendo todas em fraternidade)
Das quais tive fidalgas atenções,
Mando de cumprimentos dois milhões!

Mais quatrocentas e seis lembranças
A tão «*excelentissimas* crianças»...

A você e a seu Pai, e ao Albérico,
Esse cozinhador quase quimérico
De mimosos petiscos de emanar
Os olhos, o olfacto e o paladar,
Eu mando, em turbilhão pelos espaços,
Quatro milhões de festivais abraços!

Vossa saúde é boa? É boa, como creio?

Aí lhe mando por este correio
As «Seroadas Fulvas», livro ardente
Que em estudante fiz, como um demente
Que as Musas arrastassem p'los cabelos
E sentassem nos altos sete-estrelas,
Mostrando-lhe, a chorar, por sobre a terra,
O lodo dos instintos sempre em guerra
Em nossa miseranda natureza...

Eu agora, acredite, com certeza,
Não escreveria assim as «Seroadas»,
Pois que aos tufões sucedem alvoradas
E para mim a existência agora
É uma ardente e deslumbrada aurora!

Mado-lhe a... «Carta aos meus Paroquianos»,
Que eu escrevi ainda há poucos anos
Para distribuir na freguesia:
É prosa popular e correntia.

Mando também o *Hino da Bairrada*,
A música da letra aí passada
Por este irrequieto bairradino...

A Ida que passe p'ra piano o Hino.

E mando o fado que cantei aí,
Com as quadrazitas que escrevi.

E adeus, amigo. Dê recados meus,
Afectuosos, a todos os seus:
A seu Pai, homem forte que o trabalho
Sem cobardias, sem paixões, sem ralho,
Elevou a altura enobrecida
De honrada, augusta e laboriosa vida!
À sua Mãe, a honesta companheira
Dessa jornada de uma vida inteira
Que Deus abençoou, bom e clemente,
A qual preside, activa e diligente,
Ao tráfego febril da casa toda,
Espalhando bondade e paz em roda,
Como uma viva e industriosa abelha
Em qual o sol do olhar de Deus se espelha,
Doirando-lhe o labor, dias inteiros...

À Armandinha, a dos olhos estrangeiros,
Incendidos no sol da Andaluzia;
À Ida, essa nervosa cotovia
Que parece uma doce princezinha
Fugida, à luz doirada da tardinha,
Dum castelo para o mimo do seu jardim;
À Magda, o volitante querubim,
Tão alta que parece que já é
Uma senhora... Como vai do pé?
Olhe, Artur, quando ela, a pequenita,
Tiver a zangazinha em que se irrita

Como rola arrufada e com que ainda
Se torna mais interessante e linda,
Cante você, à Armandinha ou à Ida,
Estes versos, que escrevo de fugida:

Iam um dia três anjos
(Eram quatro a bem contar)
Pela beira de um regato,
À tardinha, a passear,
Levavam rosas nas tranças
E a luz do céu no olhar...
Tão levitas caminhavam,
Com um tão subtil andar,
Que par'ciam borboletas
De aéreo borboletear...
Quiseram saltar o rio,
Mas um não pôde saltar!
Tinha ferido um pèzinho,
Passeara a manquejar:
Por esforços que fizesse,
Não conseguia passar!
E, enquanto os outros sorriam,
O anjo sentou-se a chorar...

Ora um trovador que andava
Por ali a meditar
Suas saudades, seus sonhos,
Pôs-se o ranchinho a mirar,
E, vendo o anjo pequenito
Que orvalhava, a soluçar,
Com lágrimas o pèzito
De rubro sangue a sangrar,
Disse o poeta consigo,
Num curioso interrogar:

—P'ra que quer um anjo os pés,
Se tem asas p'ra voar?!...

Dê ao Albérico também recados,
A esse *Edison* dos pratos afamados,
Que tão bem mede chitas num balcão
Como reveste em mimos um caixão
Para um anjo que vai a sepultar,
Como sabe os caprichos variar
Dos crisântemos verdes do quintal,
Como prende, em estrondoso festival,
As asitas nos ombros dum querubim,
Como receita um magistral pudim
E ainda à sobremesa não descansa,
Pois com nervosa falazinha mansa
Diz trechos finos, qual gentil peralta
Que já pisou, em cenas, a ribalta!

Dê-me um abraço nesse feiticeiro
Que sabe tudo — até de cozinheiro!

E adeus. Desculpe a carta mal notada.
Queira mandar o seu

Sálcio Bairrada.

bibRIA

Vaivéns da pena

(A uma criancinha)

Vês as lindas paisagens portuguesas
Como se ornam de gala neste mês?
Olha o que vai aí pelas devesas:
Boninas, goivos, lírios... — Que belezas
O chão nos mostra!... Vês?

E tu que, ainda tão nova, és tão vaidosa,
Com seis anos, e já tão orgulhosa,
Até me fazes pena!...

Hei-de ensinar-te a ser boa e modesta.
Deixa as bonecas a dormir a sesta,
E vem comigo passear, pequena.

Vês os lírios pendendo para o chão
Sob as ardências da apolínea luz?
— «Nem inda Salomão
Como eles se vestiu»... — disse Jesus.

Que importa que a mamã te chame linda,
Se as mais modestas flores são ainda
Mais lindas do que tu?

As tuas facezitas setinosas,
Macias como as pétalas das rosas,
Hão-de, criança, fazer-se rugosas
Co'as inclemências do desgosto cru!

Vês as variegadas mariposas,
Poisando nas corolas perfumosas
 Dos humildes rosais?
Acaso as vences na louca carreira?
Quem é mais vaporosa, mais ligeira
 De vós, quem corre mais?

Vê-as, contudo... como são modestas,
Palpitando escondidas nas giestas
 Das sebes dos caminhos...
Só tu, ó minha má, ergues altiva
A facezita eternamente esquiva
As súplicas dos rotos pobrezinhos...

Tu sabes lá que martírios, que mágoas
Reservam para ti as negras fráguas
Da vida consciente em que entras já?
A vida é um val' de lágrimas...
Que mágoas guarda para ti, que sina?
 Sim, tu sabes lá?

Vês as ervas, as árvores, os montes,
O rir das aves, o chorar das fontes,
 E o disco azul dos céus?
E sabes quem fez isto? Qual o Artista,
Autor do quadro que te encanta a vista?
 Quem foi? Dize... Foi Deus!

Pois bem... O grande Deus que fez o mundo
E cujo sopro anima, ideal, fecundo,
 As grandes coisas místicas,
Desce e vem até nós, doce, humilhado,
Esconde-se no pão imaculado
 Das Formas Eucarísticas.

Oh! Tu assim tão nova, tão mimosa,
Com seis anos ainda, e tão vaidosa!...
 Até me fazes pena!
Hás-de aprender a ser boa e modesta:
Põe as bonecas a dormir a sesta
E vem daí, pequena!...

bibRIA

bibRIA

Do meu retiro

(Lições de Maio)

- QUEM é que te quer muito, ó amorzinho?
— És tu, mamã e mais o papàzinho...

Pois quem é que me senta no regaço
E, cantando, me embala o corpo lasso.
À noitinha, p'ra eu adormecer;
E quem me ensina a soletrar, a ler
Aquele livrozão aborrecido;
Quem é que me comprou este vestido
Cor dos lilazes, tão curtinho e leve
Como as papoilas que abrem pela sebe
Do nosso quintalejo perfumado;
Quem me afaga o cabelo desatado,
Mo anedia, mo penteia e entrança
E mo ata c'uma fita cor de esperança;
Quem me ensina a tirar do meu violino
Um som sereno e trémulo e divino
Em que há soluços, lágrimas, harpejos?...

Quem me dá muitos, muitos beijos?...
Quem, senão tu, mamã, e o papàzinho?...

- Dizes bem, dizes bem, meu loiro anjinho,
Minha doce filhinha tenra e linda...
Mas olha, meu amor, existe ainda
Quem, mais que nós, te adora e estremece.

- Ó mamã, ó mamã, até parece
 Que estás disposta a fazer-me chorar...
 Pois quem no mundo é que me pode amar
 Mais que a mamã, que é... minha mamã,
 Mais que o papá, que é... meu papá?...
 Tens coisas, ó mamã... Ora, não há!
- Pois há quem te ame mais, meu lindo amor.
- Mamã! 'stás a brincar!? Ah! Só se for
 Aquela borboleta branca, airada,
 Que ontem, ao sorrir da alvorada,
 Quando o sol despontava da cor de ouro,
 Veio poisar no meu cabelo loiro...
- Não é, filhinha, não...
 — É, porventura,
 Aquela flor tão cândida, tão pura,
 Que abriu há pouco, ao canto do jardim,
 E quando passo se sorri p'ra mim?
- Também não é...
 — Então quem é, mamã?
- Olha, hoje não to digo. Amanhã,
 No fim da tarde, ta irei mostrar.
- Dize-me hoje... Não dizes? Vou chorar!...
- Sempre te digo... Vem ao meu regaço.
 Assim, assim, amor... Levanta o braço
 E ergue os teus olhos lípidos aos céus...

Quem mais te ama, filha, é a Mãe de Deus...

.....

- E quando é que hei-de ver o seu sorriso?
 — Mais tarde, lindo amor, no Paraíso...
 — Toma, mamã, dois beijos para Ela!
 — Depõe-nos no meu rosto, minha estrela...
 — Manda-os à Virgem em meu nome, sim?

— Está bem, meu querubim...

Saudação

OS ESTUDANTES DE OLIVEIRA DO BAIRRO
AO DOUTOR ALBERTO TAVARES

(Declamada pelo autor no jantar de formatura)

ENQUANTO os teus amigos te festejam,
Te erguem ovante num nervoso abraço,
Sob as bandeiras rubras, que drapejam
À flor das murtas, no cerúleo espaço...

Enquanto caem pétalas rosadas
Sobre a tua cabeça sonhadora,
Como os beijos das frescas madrugada:
— Beijos de luar da afogueada aurora...

Enquanto a tua lacrimosa mãe
(Ó lágrimas benditas de alegria!)
Beijar-te as faces mansamente vem
Neste bendito dia...

Enquanto os olhos claros, doces, vivos,
Das tuas lindas, cândidas irmãs
Fitam teus olhos límpidos, festivos,
Como as rosas das líricas manhãs...

— Nós vimos junto a ti, serenamente,
(Qual menestrel antigo, ideal, risonho)
Trazendo-te hoje a saudação ardente
Do teu antigo amigo — o velho Sonho...

Nós, os filhos da Gandaia, estudantes,
De almas líricas, brancas de alvorada,
Vimos lembrar-te as fímbrias ondulantes
Da tua velha capa esfarrapada...

Vimos lembrar-te os tempos descuidosos
De boémia, sonho, de paixão, de ardor,
Quando por sob os salgueirais viçosos
Cismavas cismas líricas de amor...

Vimos lembrar-te as noites deleitosas
Das brandas serenatas ao luar,
Quando nas urnas místicas das rosas
Vertia a lua leite a flutuar...

Vimos aqui, Doutor, solenemente,
— Nós, filhos da Gandaia, da Ilusão —,
Mandados pelo sonho boèmiamente,
Trazer-te a sua ardente saudação!...

8-8-1912

Tão cedo?...

Ó graciosa tricanita,
Linda como as rosas chá,
Pois, ainda tão novita,
Sabes tanta coisa já?!
bipRIA

Onde foi que aprendeste, onde,
Uma lição tão sabida?
Onde foi? — Anda, responde,
Minha linda delambida!

Pois tu, que a todos pareces
Um serafim de inocência,
Já tão a fundo conheces
A negregada ciência?!

Quem foi que te iniciou
Nas coisas libidinosas?
Quem foi que assim semeou
Urtigas por entre rosas?

Olha, criança, és tão linda,
Tens um tão ingénuo olhar,
E uma tal graça que ainda
Nem bem posso acreditar...

Falei-te sempre com medo
De ofender-te a ingenuidade;
E tu saís-me assim. tão cedo,
Já sabida na maldade?...

Pois olha, é pena, criança...
(Ai quanto no mundo se erra!)
Afinal não tenho esperança
De encontrar anjos na terra...

Quanta vez, agreste flor,
Fitei teu rosto perfeito
Com tão submisso respeito,
Que diriam ser amor...

Às vezes, quando o luar
Vertia leite nas eiras,
Eu tremia ao apertar
Tuas mãozitas ligeiras...

Sais-me afinal delambida,
Sabichona em coisas tontas!

.....
É triste, minha querida!
Tão cedo? — Muito me contas!...

Balada dos Magos

NAs areias dos desertos,
Rasgam passadas errantes
Três velhos Magos, cobertos
De colgaduras brilhantes...

Por trilhos vagos,
Na noite escura,
Caminham Magos,
Fitando a altura...

A estrela nada
Num céu diluído
Sobre a poisada
De Deus-nascido...

Quem são aqueles, quem são,
Que passam na noite fria?
— São os três Magos que vão
Ver o Filho de Maria!

Trazem criados de rastros
Ajouçados de Tesoiros:
— Pedrarias como astros,
Rubins, diamantes e oiros...

Um leva mirra, outro incenso,
Outro oiro do mais fino,
Para dar ao Deus imenso
Que por nós se fez menino...

Os seus olhos vagabundos
Gastaram a luz ardente,
Olhando os astros profundos
Do místico céu do Oriente!

Os seus lábios dizem versos
Das antigas Escrituras!
Melodiam sons dispersos
No mistério das alturas...

Vagam sombras alvadias
Na terra que adormeceu;
Chovem doces harmonias
De harpas perdidas no céu...

E enquanto os Magos caminham
Pelos desertos além,
Cachos de arcanjos se apinham
Sobre a Lapa de Belém;

E cantam, do vale à serra,
Fazendo coro no céu:
— «Paz aos homens sobre a terra
E *gloria in excelsis Deo...*»

As virgens da minha aldeia

QUEM me dera, ó campesinas,
Que andais ao sol a cantar,
Arder, por horas divinas,
No fogo do vosso olhar...

Ó castas musas da aldeia,
De lindas faces crestadas,
Vinde ouvir, à lua cheia,
Minhas cantigas magoadas...

Como suspira ao luar
O rouxinol, à noitinha!...
Assim anda a suspirar
Minha triste alma viuvinha...

Soluçam mágoas contidas
No meu coração, assim
Como notas doloridas
Nas cordas dum bandolim...

Debruçai-vos na janelas,
E vinde ouvir-me cantar
À casta luz das estrelas,
À virgem luz do luar...

As regras da minha vida

bibRIA

Cercalina

Ó jovens, de almas ardentes,
Filhas das verdes campinas,
Soltai mil canções gementes,
Cantai, cantai, cercalinas!...

bib**RIA**

(Coro)

Ó namoradas,
Ó cercalinas,
Musas divinas
Da nossa aurora,
Almas airadas,
Almas em flor,
Cantai de amor
Pela vida fora...

Cantando por noites calmas
Os sonhos que a vida encerra,
Levemos nas nossas almas
A alma da nossa terra!

Bendita seja a esperança
Que trazeis no coração
De uma perpétua folgança
No mundo da ilusão...

Seja a santa luz do amor
Nosso doirado fanal,
Ó lindas dálias em flor,
— Tricaninhas do Cercal...

bibRIA

Bairradina

CAEM rendas de luar
Nos seios das violetas...
Dizem que é para amortalhar
Os corações dos Poetas!

(CORO)

Aí! que serões encantados,
Soluçam fados
Nos bandolins...
Sobre as cabeças dos Poetas
Põem violetas
Os querubins...

Quem me dera, ó bairradinas,
Que andais, à noite, a cantar,
Arder por horas divinas
No fogo do vosso olhar!

Ó Lua Nova apressada,
Dize-me aqui um segredo:
Que mal te fez a Bairrada
Para a deixares tão cedo?!

Nas eiras, se a lua cheia
Banha o oiro das espigas,
Vêm dançar, de toda a aldeia,
Em ranchos as raparigas...

Moças de vista frecheira,
Que saboroso é dançar
Uma valsinha ligeira
À meiga luz do luar...

Cantigas soltas aos ventos,
Soluçam em tons divinos
Os suavíssimos lamentos
Dos Poetas bairradinos...

Ó lindas moças de aldeia,
De meigas faces crestadas,
Vinde ouvir, à Lua Cheia,
Minhas cantigas magoadas...

Quem me leva a um mercado
Comprar outro coração?
O que eu tinha, o tresloucado,
Caiu-me numa prisão!...

A língua dos corações,
Para a saber entender,
Bastam duas condições
Que são amar e sofrer...

Quadras

(Para a venda da flor, numa romaria da Bairrada)

NUNCA viste um jardim
Com rosas de sangue e luz?
Nunca viste? — É assim
Todo o peito de Jesus...

Vosso manto azul, bordado,
Virgem Maria, parece
O céu tranquilo, estrelado,
Ou o mar quando adormece...

Quem foi o experto inventor
Que extraiu isto do caco:
— Uma flor pôr outra flor
Na lapela dum casaco?!

Se da luz mais luz dimana,
Já não me admira a mim
Que uma dama, flor humana,
Distribua as do jardim...

A flor de papel não tem
Viço algum? — Tem, sim, senhor!
Todo o viço e graça vem
De quem nos dá essa flor...

Flor de papel... Mãos preciosas —
Lhe deram jeitos fagueiros!
Têm mais valor essas rosas,
Às vezes, que as dos canteiros...

Certa dama foi-se pôr
Sentada em frente do espelho:
Copiou dele uma flor...
— E fez um cravo vermelho!

A flor de papel é flor
Que diz mais que a do canteiro:
Não muda, conserva a cor,
É como o amor verdadeiro...

Na minha campa, se vires
Alguma rosa em botão,
Hás-de encontrar, se a abrires,
Dentro dela um coração...

Nós temos sempre que dar
Aos míseros pobrezinhos:
Às vezes num doce olhar
Há tesouros de carinhos...

DO LIVRO INÉDITO

«SONETOS DO SUL»

bibRIA

—Escrito em Lisboa, quando
o Poeta era oficial miliciano—
(1917)

DO LIVRO PRÉDITO

SONETOS DO SUL

bibRIA

Para Lisboa

EM chapadas de sombra, a noite densa
Alaga vales côncavos e outeiros;
Adelgaçam-se plúmbeos nevoeiros
Do desluzido céu na concha extensa.

Adeus, rapazes! — Oçam: não se pensa
Em saudades agora! Um viajero
Como eu, vezado ao sonho, vai, ligeiro,
Embevecer-se na cidade imensa!

Adeus, adeus! Um derradeiro abraço!
Chega o comboio, e em ligeiro espaço
Sinto-me em marcha pelas léguas fora.

Toda a noite viajada em desalinho...
Onde vou, coração? (Diz-me ele agora:
— Ao dédalo infernal dum torvelinho!)

Impressões de teatro

FUI ao teatro ver a «Madrugada»,
Formoso quadro de sabor campino
Em que há ternura doce, gosto fino,
— A vida bairradina trasladada...

Há uma ingénua branca, delicada
Alma dealhando em amoral destino;
Há falas mansas, melodias de hino,
Há luar caíndo em renda desfiada...

Ao menos esta cena é portuguesa!
Mas, meus amigos, como dá tristeza
O mais que por aí sobe à ribalta!

Veste-se de arte a suja vida lassa
Em que as pobres actrizes vão, em malta,
Dançando a romaria da desgraça!

Impressões de texto

Impressões de texto

bibRIA

Impressões de texto

Impressões de texto

Claro-escuro

SEM qu'rer perdi-me numa rua escusa
Das mais pobres e estreitas da cidade,
E achei-me numa alfurja «de verdade»,
Com operários de alpercata e blusa.

Um velho, de feição algo confusa,
Vendia vinho e broa à sociedade,
E um vagabundo de meia idade
Tocava árias numa cornamusa.

Sem desconcerto nem medroso espanto,
Sentei-me para ali, a ver dum canto
Nalguns olhos a raiva de avinhados.

Que miséria! — pensei. Uma garota
Entrou, enfezadita e toda rota,
Esmolando a chorar — cantando fados...

bibRIA

A moderna fraternização

ENCHEU-SE a fria noite de rugidos
Que solta a boca hiante dos canhões;
Há vozeiros marciais, detonações
De descargas na rua. Os meus ouvidos

Afeitos aos vozeiros e chilridos
Das aves nos français das solidões,
Aos mûmuros regatos e às canções
Do campo, azoïnã-se com tais rûidos!

Raiou a aurora como um bom agoiro,
Abrindo as asas do seu leque loiro...
A marcha da revolta continua.

Os dentes rãgem d'ódio, o olhar inflama-se,
Corre o sangue em torrentes... Isto chama-se
Fraternidade aos beijos pela rua...

A modern language

bibRIA

D. Pedro IV

PEDRA e bronze! Da estátua alevantada
O Rei-Soldado treme de pavor
Ouvindo em roda o infernal clamor,
Os gritos da cidade metralhada!

No alarido da tropa entrincheirada
Há brados de revolta e ais de dor;
Espirra pelos ares o fragor
Da metralha rugindo incendiada.

E o rei treme na pedra do seu plinto...
— É talvez um remorso mal extinto,
(Escura nuvem que na História paira!)

É que este povo, agora em convulsões,
Dele aprendeu as rábidas lições
Da sedição eterna que o desvaira!

D. Pedro IV

bibRIA

Luar do Sul

ESCORRE leite sobre o Tejo a lua,
E o leite cai em rendas de cambraia...
E é leite a espuma alvíssima da praia
Do rio quieto como verde rua...

Ai! eu não sei o que no luar flutua,
Que aérea procissão nele se espraia!
Ó meus olhos febris, descortinai-a
Enquanto a lua, no alto, boia nua.

Ó minha alma, vê tu... — No Céu... que é?
— São as sombras dos Mortos que, de pé,
Velam por nós, luares por lençóis...

«Albuquerque terrível, Castro forte,
«E outros em quem poder não teve a morte»...
— Valham à Pátria as sombras dos Heróis!

bibRIA

Nossa Senhora do Restelo

SUBINDO o morro, dei a volta à ermida:
Sentei-me a ouvir a reza dos pinheiros,
Cismando em que não há já marinheiros
Neste país de gente desabrida!

Lá baixo, o Tejo, a capital, a vida...
Ao longe, o tom verdeengo dos outeiros
Falece em oiro e sol; batéis ligeiros
Rastream sangue na água colorida...

Há nuvens em farrapos no poente
Com proporções fantásticas de gente
Cansada das batalhas, a rezar...

Num nimbo olímpico de neve em chama,
Cuidei ver entre muitos, sobre o mar,
Curvado em orações, Vasco da Gama!...

bibRIA

A espuma do Tejo

Ó mãos diáfanas e milagrosas
De freiras, de poetisas, de princesas,
Que em horas de hipocôndricas tristezas
Rendilhaís as cambraias peluciosas...

Vinde ver as rendilhas graciosas
Que as ondas tímidas nas asperezas
Dos seixos têm, nestas redondezas,
Franjadas das espumas vaporosas!

É o Tejo a esverdeçada talagarça,
As ondinhas as mansas rendilheiras,
O sol poente o mago colorista...

Riscam no céu as asas duma garça,
Pairando baixa e atenta, com maneiras
De apreciadora e fino olhar de artista...

A espina de l'elo

bibRIA

Os Jerónimos

RENDA de pedra erguida aos céus em prece...
— As torres finas agulhando o ar
São as mãos portuguesas a rezar
Ao Deus que a alma lusa nunca esquece...

O sol-poente, todo em oiro, tece
Colgaduras riquíssimas, do mar,
Soltas fimbrias no azul a flutuar
Sobre estas pedras que a fé viva aquece...

As pombas amoráveis tecem ninhos
Sobre as cruzes de Cristo, e os pobrezinhos
Sentam-se à porta, a esmolar, chorando...

Lá dentro, os grandes mortos, impassíveis,
Já não podem valer às dores incríveis,
Que o velho Portugal anda penando!

bibRIA

Galas dos tempos idos

(No museu dos coches)

HOUVE um tempo de fausto e de riqueza,
De maneiras hieráticas, graciosas,
Com ritmos de vozes setinosas
Em lábios inocentes de princesa...

A vida humana tinha mais nobreza
E o amor doces canduras mais piedosas.
Florejavam nos lábios, como rosas,
Vilancetes de límpida lindeza...

Tudo isso — doiraduras, espaventos,
Punhos de renda, vilancetes lentos,
Outeiros ao luar... — Tudo morreu!

E os nossos olhos vão rever, absortos,
O fausto senhoril dos tempos mortos
A frígida quietude dum museu...

Galer, las buenas ideas

(No volver las cosas)

bibRIA

Toda una biblioteca
libros de todo el mundo
disponibles en línea

Es un libro de
todo el mundo
disponible en línea

Os sinos da cidade

Ouvi ontem a música dos sinos
Da formosa Basílica da Estrela,
E, francamente, não gostei daquela
Tanto como dos dobres campesinos...

Repiques de noivado, ou de meninos
Baptizados em pias de capela,
Ou quando o «Senhor fora» entra a cancela
Do moribundo em piedosos hinos...

Como é mais doce ouvir na nossa aldeia
A voz do campanário que se alteia,
Ó minha lira, a encaminhar aos céus!

É como onda a despejar-se em roda,
Abençoando a freguesia toda:
— Degraus de sons subindo para Deus!...

bibRIA

Regresso

LISBOA, adeus! — Vai-me o olhar cansado
Da tua luz de frígido fulgor:
Azoina-me os ouvidos o fragor
Do teu viver postiço e revoltado!

Meus nervos, num vibrar continuado,
Deslaçam-se em tábido torpor!
Vou-me embora. Preciso do dulçor
Da paz, em meu torrão abençoado...

Franco te digo não levar saudade
Dos teus encantos, e a minha alma há-de,
Ao lembrar-se da vida aqui passada,

Pedir a Deus a graça preciosa
De envelhecer na paz deliciosa
Da minha verde e rústica Bairrada!...

PROSA

bibRIA

72019

bibRIA

Carta aos meus condiscípulos

Maio de 1912

Rapazes:

ESTES versos, que agora vos ofereço, repousam há cinco meses, no fundo da minha gaveta, misturados com muitos outros, que eu de há muito para lá venho lançando, como farrapos do meu coração ardente, como pétalas caídas da minha alma de rapaz.

Não contava publicá-los, como não conto publicar uma grandíssima parte desta versalhada desconexa, que aqui se me amontoa pelas gavetas da minha mesinha de estudante, e na qual repousam, adormecidas ou mortas, tantas aspirações ingénuas, tantas ilusões airadas, tantas tristezas ignoradas, íntimas...

Mas nós vamos distanciar-nos, ó rapazes! Vamos para muito longe uns dos outros, e — sei lá! — talvez para sempre. É a obra bendita da evangelização social que nos solicita, nos chama.

E já que assim tem de ser, eu queria deixar-vos, antes do apartamento, alguma coisa, — uma recordação — para que mais tarde vos lembrásseis, lá muito ao longe, deste rapaz trigueiro, desgrenhado, de faces escavacadas e fundos olhos irradiados, que convosco viveu por aqui a mesma vida, a mesma juventude, as mesmas aspirações de evangelização e amor.

Eu queria deixar-vos alguma coisa, ó companheiros, e escolhi para isso estes versos, que, há meses, no esmorecer doentio e suave do último Outono, dediquei à chorada memória dum nosso camarada, dum nosso amigo, dum nosso condiscípulo morto...

Foram escritos de um jacto, em momentos de febre dolorosa, em quinze dias de vigília doente, pelas horas tenebrosas em que vós dormíeis, rapazes.

Ai! — quantas vezes, enquanto a pena me escorregava vertiginosa pelo papel, chegavam até mim, soluçantes, fugídias, as planícies brandas das serenatas doridas, que cantavam lá em baixo, ao pé do Mondego, Estrada da Beira além, o grande, o doloroso funeral das ilusões!

E a pena corria, corria sempre, numa vertigem febril...

Hoje, lendo os meus versos de então, sinto que vibram neles dois gritos enfeixados, unidos: — um grito de angústia amarga e um grito ardente de esperança!

Eu não sou um pessimista, amigos, porque sou um crente. O pessimista frio e céptico não deve ter cabida nos nossos peitos de Seminaristas. Por isso, nos meus pobres versos não rugem trenos desesperados, — suspirando antífonas de esperança... — Esperança na Luz Divina, na Misericórdia Suprema.

Porque o mundo confrange-se na Dor e quase não tem coragem para fitar os Céus, a ver se lhe sorri a esperança nos olhos tristes de Cristo. Ai! — os mais atormentados são os descritos de Jesus!

Eles, que espedaçaram a Cruz e cuspiram às faces pálidas do Mártir do Calvário o escarro de mil insultos, cantaram ditirambos à Ciência e beijaram à Razão as pernas fuliginosas das barricadas rebéis. E são eles que proclamam hoje a realidade da Dor, — da Dor condição da Vida, sem uma estrela a fulgir na noite do nosso destino...

«Para qualquer lado que o nosso olhar se dirija, — escreve um revoltado, o radical Sebastião Faure — não se encontra senão dor... O sofrimento está em toda a parte, visita o castelo assim como a cabana, mas apresenta-se sob aspectos que se transformam constantemente, e, através de incessantes migrações, metamorfoseia-se até ao infinito. A vida não passa de um longo martírio, desde o primeiro vagido da criança até ao último suspiro do moribundo. O tormento prende o berço ao túmulo. A alegria de viver não é mais do que uma frase... Um aborrecimento enorme se apossou da humanidade. O furioso aquilão curva todas as árvores da floresta, desde o carvalho ao canavial. Da mesma sorte sopra sobre a terra desolada um misto de miséria material, intelectual e moral, que faz inclinar todas as

cabeças. — a dos grandes como a dos pequenos, a dos poderosos como a dos fracos, as fronte altivas como as humildes. O martelo do sofrimento, sem nunca parar, esmaga gerações; o cancro da Dor alastra sobre a Humanidade as suas chagas horríveis.» (Sebastião Faure — *A Dor Universal*).

Estas palavras, rapazes, são dum ateu, dum revoltado. Expressam perfeitamente, numa cruel amargura, o desalento completo da orgulhosa Razão em face dos sofrimentos da mísera Humanidade. São os homens da Desordem vencidos perante a Dor.

Pois bem, Seminaristas! Nós, — os filhos da Ordem, os homens brandos da Paz — somos chamados a derramar desse cancro universal a luz divina da Esperança.

Sabemos de há muito tempo, antes que os negativistas o proclamassem desesperadamente, angustiosamente, sabemos de há muito tempo, — porque o Evangelho o diz, — que «a felicidade não é deste mundo». Mas sabemos também que na alma da Humanidade soará perenemente a música celeste daquela amorável promessa de Jesus: — «Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.»

«Amai-vos uns aos outros como irmãos...» — Foi este o preceito novo, que Jesus impôs aos seus discípulos.

Já que vamos para o mundo, hasteie-se em nossas mãos o lábaro da Paz!

Que os maus praguejem, blasfemem: que os maus nos amaldiçoem. Que venham sobre nós os insultos e os escarros, as ameaças e a morte! Ergamos nós para o Alto os nossos olhos tranquilos, e sejam as nossas palavras como um orvalho do Céu a refrigerar este vulcão onde as flores da pureza se fanam amarguradamente, desconsoladamente...

Vai florindo a Primavera.

Na floragem enflorada dos castanheiros do Recreio, as rolas cantam suspirosamente a celebração festiva dos misteriosos noivados...

Por esses campos fora, olhai que festas agrestes, olhai que esteira de flores...

E é à vista deste deslumbramento que o mundo se desespera impiamente, alucinadamente, nos torvelinhos da Dor...

É que o vício alastra, e ódios rugem surdamente, e o desespero aumenta!

Ó Seminaristas! Ó Seminaristas de Portugal!

Operários de Jesus, nós devemos ir, mundo além, a semear a Paz nas almas, a Fé nas inteligências, o Amor nos corações.

Não odiemos ninguém. Ninguém! — Porque os que parecem maus não passam, as mais das vezes, de uns néscios, inconscientes, irresponsáveis.

— Olhai aquele que passa... Nervoso, cartola tesa a escorregar prás sobranceiras, bigodeiras repontonas, revirando uns olhitos pardos, de través, em ares de superioridade ratona, para os que o saúdam...

É um anti-clerical confesso e professo. Amaldiçoa a padralhada com berros de capado. Ri de Cristo e arrota liberdade. Come bem, digere bem. Um felizardo, no entanto. Mas ide falar-lhe em padres... Cai Troia! Contorce-se, blasfema, barafusta com accionados de possessão.

Rabisca tropos para gazetas e escrevinha, nas horas vagas, brochuras contra os jesuítas... Quer esmagar a infame com Voltaire; com Diderot desejaria enforcar o novo rei nas tripas do último padre, e com Falstaff bebericar boas pingas e ingerir presuntos. Que ele não conhecerá Voltaire, nem Diderot, nem Falstaff... Arredonda-os mal...

E, afinal, coitado, é um pobre diabo... Um bom rapaz. Adora a mulher e os filhos. Tem coração. Será um imbecil... Será. Mas que temos nós com isso? O mal é dele. E o ridículo, o pior mal...

Perdoai-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem!...

— Ali vai outro: um torturado da alma, Vive na revolta e para a revolta. Cogita em sedições e sonha em barricadas.

E, afinal, é um ótimo rapaz, uma bela alma. Mal empregado coração em não se enlevar num ideal de amor! E quantos pelo mundo assim, coitados, quantos!...

— Outro que passa... Um operário. Vai negro das forjas, mãos nervudas em sacudidelas bruscas, a ameaçar. É filho dessa raça obscura, que dá vida, que dá seiva ao mundo em troca de migalhas, em troca de miséria.

Nos seus olhos sangrentos, erradios, fosforeja o clarão trágico das revoltas vingadoras...

Vamos até ele, ó rapazes! Aos operários, ó Seminaristas! Demos-lhes o ósculo da Paz, num grande abraço de fraternidade, de fraternidade cristã!

Que eles se ajoelhem aos pés da Cruz, do Operário-Deus, do Carpinteiro-Divino. Lancemos uma gota de orvalho àquele desespero ardente...

E eles terão a esperança!

— Outro ainda. Um nulo. Olhai que olhar aquele... Olhar mortiço, sem expressão, sem vida. É um mártir... — Um mártir dos próprios vícios. Assa-lhe as carnes, requeima-lhe o aguado sangue a febre das luxúrias desvairadas, das execráveis torpezas, das verde-negras abominações.

Não tem um ideal, uma esperança, um norte.

É um morto, coitado!...

— E aquelas? Quem são elas que passam saracoteando-se e olhando para nós com uns trejeitos equívocos de deslavada gaiatice? — São as loureiras. Pobres raparigas, pobres escravas!

Porque elas são escravas. Da escravatura branca, que Victor Hugo chora e amaldiçoa.

E lá vão elas, tresloucadas, delambidas, de arcaboços podres, desengonçando-se entre chitas baratas, a vender sorrisos, a dizer torpezas...

Que se lhes dá-de fazer? Enxovalhá-las mais? Que façam isso os maus. Nós somos discípulos de Jesus.

Jesus, que lia nos corações, porque era Deus, sabia fazer dessa lama pedras preciosas, dessas larvas dos bordéis fazia Ele anjos castos. Fitando-as com os Seus olhos muito tristes, muito tristes e compadecidos, transformava as Madalenas em anjos místicos, puríssimos, e as pobres Samaritanas em missionárias do Céu...

Mas é que Ele era Deus, e lia no fundo das almas, e nascera de uma Virgem por causa dos pecadores.

Desgraçada sociedade em que a mulher se corrompe. É o Amor que desce do seu trono azul e santo onde Deus o colocara, é o sentimento que se embota e morre, é a alma que rasteja e já não pode levantar-se ao Alto...

E a prostituição corrompe tudo!

As virgens da Lusitânia, os anjos de Portugal, as filhas da nossa Raça já não esperam nem crêem no embotado coração dos homens. E vão sentar-se, coitaditas, a chorar esmorecidas, nas solidões ltuosas, quando se não entregam — ai! quantas vezs... — devairadamente, ao turbilhonar do vício, prostituindo-se, perdendo-se!

E o mundo ri, ri de tudo. Da dor resignada que santifica, do amor santo que perfuma, da crença que anima e salva.

E os vates cantam o vício, paixões desvairadas, egoísmos truculentos, abomináveis luxúrias...

E a miséria desalenta os operários rudes, que passam esfrangalhados, enfarruscados de carvão, descridos, desesperados, erguendo para os Céus os braços cabeludos, em crispações de ameaças...

É a fome, é a peste, é a guerra — a trindade trágica devastando as almas!

Ó Seminaristas do meu País, ó meus camaradas, meus amigos! — Abram as réstias de esperança nesta caligem da Dor! Vamos por aí fora, — corações abertos, almas compadecidas, — a fazer dos desesperados a sementeira do Amor!...

Ai quem dera nesta sociedade um banho espiritual de caridade do doce anjo de Assis, daquele seráfico espelho de enternecido Jesus!...

Ergamos a Cruz bem alto! Que os homens vejam o Cristo, o Divino Mártir, o Deus sofredor das inenarráveis dores. E vereis que das Suas chagas vermelhas radiarão prás dores sociais réstias benditas de Esperança, santos perfumes de Amor!...

Seminário de Coimbra.

bibRIA

Vosso do coração,

Acúrcio Correia da Silva

(Trecho de abertura do primeiro livro do Poeta «DOR E LUZ»).

O casamento religioso e a educação das vossas filhas

(Excerto)

Os noivos, conforme o destino que a natureza marca à sexualidade, hão-de ter filhos. Hão-de educá-los. Isto lhes dará, com algumas freimas, consolações infinitas. O amor paterno é um amor suavíssimo.

O maior encanto para os corações dos pais será a docilidade, o respeito, a veneração dos seus filhos. E esta docilidade, este respeito, esta veneração fundamentam-se na dignidade paterna.

Ora esta dignidade nada tão magnificamente a sobredoira, a faz resplandecer, como a Religião que abençoa os esposos.

A hora do casamento religioso é uma hora augusta, sagrada para os corações que sob o olhar de Deus para sempre os seus destinos unem. Uma quase divina majestade desce sobre as suas frentes a nimbá-las para sempre, no momento em que o sacerdote invoca sobre as suas almas as bênçãos do Altíssimo. E esta solenidade majestosa dá aos futuros pais a sublimidade moral de sacerdotes da geração!

«Há em Deus três coisas grandes e santas—escreve Dupanloup—que constituem a divindade mesma: o poder, a sabedoria e o amor. Essas três coisas se encontram no lar da família, misteriosamente representadas pelo pai e pela mãe, e neles personificadas. Um é a imagem do poder de Deus; a outra representa mais claramente o seu amor, e ambos participam dessa sabedoria admirável que é o poder e os alumia eternamente... Existe na majestade paternal e na dignidade

materna um esplendor da majestade divina; e na frente do pai repousa uma autoridade, assim como no olhar da mãe se acentuam uma força e uma doçura que só Deus lhe poderia imprimir, prescrevendo para com eles obediência e respeito religiosos... Nada há sobre a terra mais elevado do que a paternidade humana, porque nela se encontram a um tempo a comunicação da paternidade divina, origem e modelo da autoridade social e uma como expansão misteriosa do sacerdócio mesmo. Na terra não há nem direitos nem deveres nem autoridade que se comparem aos direitos, deveres, grandeza e autoridade de um pai».

Ora esta dignidade sublimíssima que resplandece nas frentes dos pais é aquela que no dia do vosso noivado Deus imprime, com a Sua sagrada bênção, do Céu mandada às vossas almas. Essa dignidade, que se há-de revelar na veneração, no respeito sagrado dos vossos filhos por vós, nasce do casamento religioso.

As vossas filhas, meus bons amigos, são o encanto da vossa casa, são os anjos do vosso lar.

Dentro dessas paredes, que o fumo dos anos mais ou menos escurentou, e em que porventura os olhos das vossas avós já se fixaram nostálgicamente, — dentro dessas paredes da vossa vivenda simples, os olhos delas, das vossas filhas, afugentam, rútilos, para longe, a frieza e o tédio, e a sua voz, tilintante de risos, canta-vos ao ouvido com a suavidade embaladora do respeito, do amor.

Desde criancitas, a quando bonequinhas inda, de vestiditos curtos, — elas são para vós, afinal, o maior atractivo da existência, como mimosinhas corolas em que a vida doméstica para vós espigasse, floreando, ao sol da vossa afeição, suas mais peregrinas e viçosas cores...

Mas — ai! — quantas vezes os vossos olhos se turbam de lágrimas, quando vos pondeis a cismar no futuro delas, — dessas lindas pequenas, floridas do vosso sangue, reflectidas da vossa alma, e que não sabeis, no fim de contas, para que enigmáticos destinos a Vida as reservará!

Pois bem! Falando da Família, nesta ocasião festiva do Natal, eu sou forçado a falar-vos nelas também, porque é por meio delas que a Vida se continuará, havendo de ser elas o coração do Futuro.

A mulher é o anjo do lar; é a organizadora da Família, pelo sentimento, pela alma.

Elas, as vossas filhas, que hoje são o encanto de toda a vossa casa, hão-de ser um dia toda a alma de novas famílias. É para isso, portanto, que vós tendes de educá-las...

E que espécie de educação deve ser essa?

— A educação religiosa.

Eu, novato ainda, de verdes anos, não teria talvez a coragem de dizer-vos estas palavras, se não tivesse a certeza de que elas exprimem a rigorosa verdade.

Desde a minha infância mais tenra tenho empregado os dias e as noites a ler e a observar os homens e as coisas. O que vos digo, pois, aqui, muito familiarmente, em palavras simples que o coração vai ditando e a minha pena escrevendô, representa a minha mais profunda convicção.

Depois, sou o vosso pároco, embora humilde e indigno, — e esta situação, que eu não devia talvez ocupar tão novo, impõe-me a obrigação de instruir-vos nas coisas religiosas.

Nesta quadra, tão suavizada de espiritual unção, neste tempo do Natal, cujas evocações sagradas nos afervoram no culto da Família, eu quis dizer-vos a razão e a origem deste culto. Fi-lo sinceramente, de coração tranquilo e limpo, na melhor boa vontade; — e é «aos homens de boa vontade» que a paz na terra pertence, como lá diz o Evangelho que os anjos cantaram sobre o presepe do Menino-Deus...

Boas Festas! Boas Festas!...

Sangalhos, Natal de 1915.

(De «Natal... Festa da Família! — Carta de Boas-Festas aos meus Paroquianos»).

bibRIA

Uma carta

O Inspector Escolar Arménio Gomes dos Santos, poeta e publicista que nas suas primícias literárias usou o pseudónimo de Arménio Dolivais e que foi um distinto ornamento da PLÉIADE BAIRRADINA, envia para este livro esta carta inédita que o Padre Acúrcio lhe escrevera em 1922:

bibRIA

Sangalhos de Anadia

9-6-1922

Meu caro Amigo:

Desculpar-me-á o meu querido Amigo tanta demora em responder à sua carta? Há uma porção de dias que a recebi, sem que até hoje tenha cumprido o rudimentar dever de responder-lhe!

Desculpar-me-á por quem é!

Só quando pessoalmente trocarmos impressões (e conto que dentro em breve seja) lhe direi o afã da minha vida profissional, toda ocupada e toda extenuada nos últimos tempos, indispondo-me os nervos para o repousado prazer de escrever aos Amigos mais

íntimos que são os irmãos de aspirações artístico-espirituais, e entre os quais o meu caro Dolivais ocupa um lugar escolhido.

Para esta espécie de convívio espiritual requere-se o repouso ideal que nos velhos artistas clássicos da velha Hélada e da filosofadora Roma propiciou a Virgílio a divina estilização das suas transcendentes melancolias e ao canoro Horácio a rendilhada orquestração do seu preciosismo lírico, no gozo beatífico da sua aura mediócrita, tendo florejado na Grécia em requintadas facetas intelectuais dos seus filósofos e sofistas (brincalhões da filosofia).

Bendita a felicidade de quem pode dar-se todo ao trato das suas predilecções mentais e artísticas, meu Bom Amigo!

E essa felicidade não a tenho tido, pedindo a Deus encarecidamente que a venha a ter algum dia.

E o meu caro Arménio? Espero que dos seus lazeres provenha o cultivo intenso e fecundo das suas belas faculdades artísticas que o vi possuir abundantemente.

É preciso, meu Amigo, ser teimoso! Ler, meditar, criar!

O Dolivais pode dar muito, e deve dar.

Temos de nos encontrar frequentemente, de trocar impressões, de debater pontos de vista.

Este verão deverá ser, para nós todos, rico de convívio e de conversações artísticas.

Quando iremos nós (Você, eu, o Chico Cruz, o Jessé e o Castilho, pelo menos) ao cedro da Castanheira? Terá de ser dentro em breve. Assentaremos no dia.

Já me ia esquecendo referir-me ao outro Castilho (irmão daquele), ao Padre Castilho, com quem o meu caro Arménio parece estar algo estomagado.

Então que lhe disse o Jessé que ele me disse a mim?!...

Mas, meu Amigo, ele não me fez referências desagradáveis a seu respeito! Apenas me manifestou desgosto por Dolivais ter tratado jocosamente, uma qualquer questiúncula arcaico-arqueológica-toponímica, de não sei que localidade. Parece que, tratando ele do caso a sério, o Arménio levou o caso para o riso. E mostrou-se magoado por isso.

Mas, meu Caro, isto não o desonra a si, porque é quase inocência da parte do bom Padre Castilho!

Não se zangue com o homem por isso, que o caso não é para tanto. Falaremos.

Na segunda quinzena deste mês encontrar-nos-emos em Águeda (o Jessé, o Chico Cruz, eu e o Arménio) para assentarmos a ida à Castanheira. E trocaremos mais impressões.

Desculpe-me, meu Amigo, o destrambelhamento desta carta, e receba um grande abraço do seu Amigo certo,

Padre Acúrcio Correia

bibRIA

bibRIA

ÍNDICE

IN MEMORIAM

	Págs.
Notas biográficas	7
Colaboram neste In Memoriam	9
MANUEL FILIPE:	
A história duma homenagem	11
MANUEL DA MAIA ROMÃO:	
Uma saudade!...	15
HOMEM CRISTO:	
Um artigo do jornal «O de Aveiros»	17
AMÉRICO URBANO:	
Uma carta	17
D. ANTÓNIO ANTUNES:	
Depoimento sobre o Padre Acúrcio	21
HORÁCIO DE SEABRA:	
Um ano depois da sua morte	21
MANUEL RODRIGUES LAPA:	
O Padre Acúrcio	27
ANTÓNIO DE CÉRTIMA:	
Um telegrama	29
FRANCISCO CRUZ:	
Revoada de saudades	31
ADRIANO SEABRA:	
Recordando...	35
ALBANO CRUZ:	
Já lá vão trinta e quatro anos!...	37

TIAGO RIBEIRO:	Págs.
A minha homenagem	41
ANTÓNIO BARATA:	
Evocação	45
ANTÓNIO VICENTE:	
Há 34 anos	45
LEONILDO ROSA:	
A essência flutua	49
RODRIGUES LEÓNIDAS:	
Um artigo	51
ARNALDO TAVARES:	
O meu depoimento	55
JOSÉ PEREIRA TELES:	
Aspectos da vida académica	57
MANUEL FERNANDES FLORES:	
O seu último sermão	65
MIGUEL FRANÇA MARTINS:	
Considerações	65
ANTÓNIO MARIA DOS SANTOS DIAS:	
Um pensamento	69
ARMÉNIO DE OLIVEIRA ROÇA:	
A minha presença	71
FAUSTO DA GRAÇA BARATA:	
Como eu conheci o Padre Acúrcio	75
P. ABEL CONDESSO:	
Por que é que ele ainda vive?	77

ANTOLOGIA

Nota explicativa	85
Obras do Padre Acúrcio	87
VERSOS:	
Hino da Bairrada	91
Aos anjos da poesia...	95
Alma presa	97

	Págs.
Cavadores	101
Os miseráveis	105
Uma declaração...	107
Evocações	111
Penadas ligeiras (Ó Revoltados!)	115
Os filósofos	119
O anarquista	125
Carta familiar	129
Vaiivéns da pena (A uma criancinha)	155
Do meu retiro (Lições de Maio)	159
Saudação (Ao Dr. Alberto Tavares)	141
Tão cedo?...	145
Balada dos Magos	145
As virgens da minha aldeia	147
Cercalina	149
Bairradina	151
Quadras	155

Do livro inédito «Sonetos do Sul»:

Para Lisboa	157
Impressões de teatro	159
Claro-escuro	161
A moderna fraternização	165
D. Pedro IV	165
Luar do Sul	167
Nossa Senhora do Restelo	169
A espuma do Tejo	171
Os Jerónimos	173
Galas dos tempos idos (No museu dos coches)	175
Os sinos da cidade	177
Regresso	179

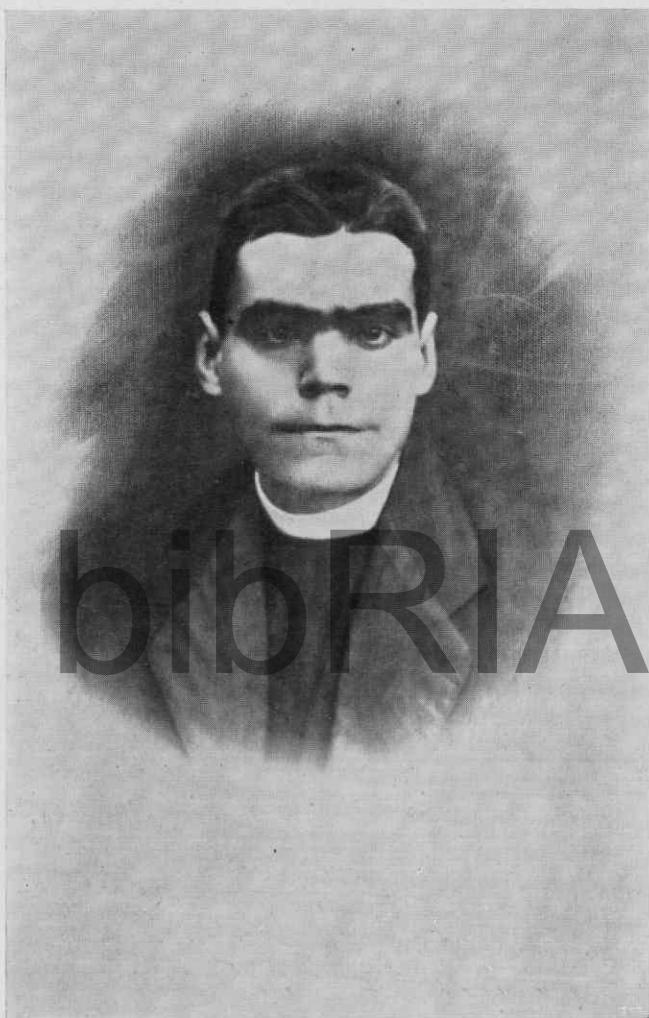
PROSA :

Carta aos meus condiscípulos	185
O casamento religioso e a educação das vossas filhas	189
Uma carta	195

bibRIA

CAPA DE GASPAR ALBINO

MUSEU PAROQUIAL			
S. PEDRO - PALHAÇA			
	13	0	
01	00051		

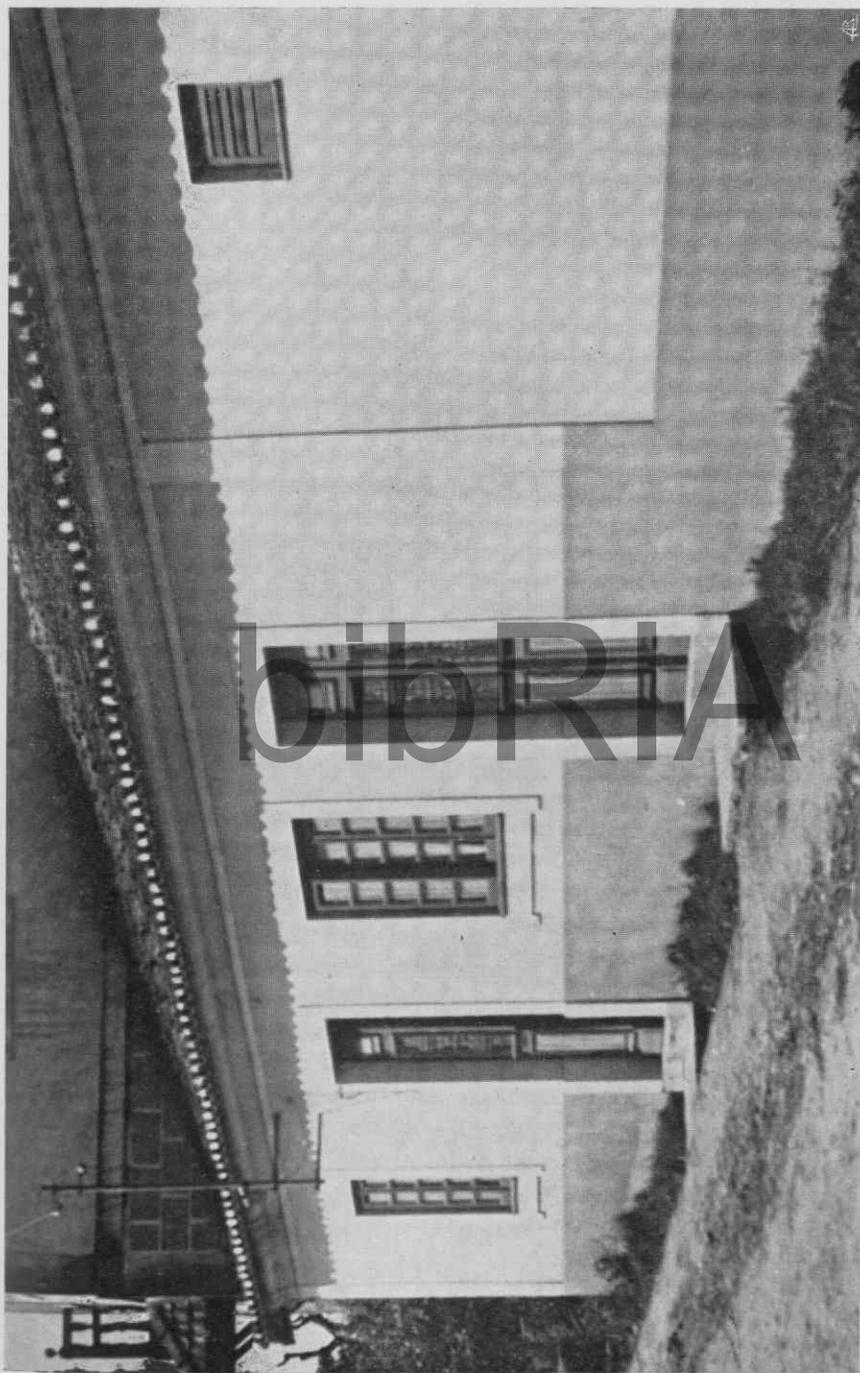


P.º ACÚRCIO CORREIA DA SILVA



BUSTO DO P.º ACÚRCIO

Escultura de J. M. Leite



CASA ONDE NASCEU O PADRE ACÚRCIO, NO CERCAL



UM PORMENOR DA BIBLIOTECA DO PADRE ACÚRCIO



UM TRECHO DO RIO CÉRTIMA

Desenho de Gaspar Albino